

am

AVE MARIA — REVISTA MENSAL — ANO LXXXV — Nº 3
MARÇO — 1984 — C+S 600,00

**"PARA
QUE TODOS
TENHAM VIDA"
(Jo 10,10)**



DIREITOS HUMANOS

A Declaração Universal dos Direitos Humanos, juntamente com alguns textos bíblicos e pronunciamentos oficiais de Igrejas cristãs, servem de subsídio para os que desejam estudar e discutir sobre os Direitos Humanos.

3



ARTIGO III. Todo homem tem direito à vida, à liberdade e à segurança pessoal.

“Não matarás” (Ex 20,13).

“Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Trata-se de construir um mundo em que todos os homens, sem exceção de raça, religião ou nacionalidade, possam viver uma vida plenamente humana, livre de servidões... Um mundo em que a liberdade não seja uma palavra vã (Paulo VI, encíclica *Populorum Progressio*, 1967).

CREMOS que ao Senhor pertence a terra e a sua plenitude, o mundo e todos os que nele habitam; por isso proclamamos que o pleno desenvolvimento humano, a verdadeira segurança e ordem sociais só se alcançam na medida em que todos os recursos técnicos e econômicos e os valores institucionais estão a serviço da dignidade humana na efetiva justiça social (*Credo Social da Igreja Metodista*, 1971).

(Dt 30,19; Sl 4,8 (4,9); Pv 3,23-26; Hb 13,6.)

DIREITOS HUMANOS (II)

Márcia Monteiro

Os Grupos de Defesa dos Direitos Humanos têm que se inserir na luta do povo. Isto a partir das necessidades do povo e não levando para essas lutas as ideias que se têm a partir do lugar social em que se vive. É preciso ser capaz de sair deste lugar e olhar a partir do lugar daqueles que estão lutando. Se são favelados, a partir da visão que eles têm do mundo. Levando sempre uma contribuição, mas respeitando sempre a maneira como eles querem defender a vida. O objetivo dos Centros de Defesa dos Direitos Humanos é que exista respeito pelos direitos dessas pessoas que estão sempre marginalizadas. E este objetivo só se consegue com uma transformação profunda da sociedade em que a gente vive. Seria erro fazer com que as pessoas marginalizadas venham para dentro de uma sociedade que a gente considera falida. Que estas pessoas tenham a coragem de criar alternativas a partir de experiências novas, a partir de uma caminhada nova onde as pessoas tenham pelo menos os direitos básicos garantidos.

A partir de 1982, os Centros de Defesa dos Direitos Humanos sentiram a necessidade de se encontrarem, pois o Brasil é muito grande e as lutas muitas vezes passam despercebidas. Os meios de informação manipulam

estas lutas. Para começar uma transformação é preciso unir forças porque, por mais forte que seja um Centro de Defesa dos Direitos Humanos ou um Grupo de Justiça e Paz, eles têm força de presença apenas dentro do círculo em que atuam. Então, unindo as forças, fazendo com que o povo que luta no Norte saiba da luta do Sul e vice-versa, que no fundo é a mesma, a caminhada estará mais certa e o povo vai tendo uma visão política da transformação que exige esta luta.

Em 1982 foi realizado em Petrópolis o I Encontro Nacional de Defesa dos Direitos Humanos, onde estavam presentes 33 centros, Comissões Justiça e Paz e outros grupos que defendem os direitos humanos. A partir desse encontro foi criado um sistema de informação entre estes grupos que têm o mesmo objetivo. Foi fundado o SIN (Serviço de Intercâmbio Nacional), com sede em Petrópolis, para onde os grupos mandam estas informações que são multiplicadas e enviadas aos outros grupos. Hoje já são 200 os grupos que participam deste serviço. Estas correspondências ou são informações das lutas que estão se desenvolvendo, ou pedidos de apoio efetivo a lutas que precisam ser desenvolvidas (CIC).

SUMÁRIO

- 2 • **A IGREJA NO MUNDO**
Acontecimentos e fatos da Igreja.
- 6 • **CONSULTÓRIO POPULAR**
Questões de fé e de religião.
- 7 • **PARA QUE TODOS TENHAM VIDA**
Campanha da Fraternidade de 1984.
- 10 • **DO FUNDO DO MEU ABISMO**
A coerência de vida nos torna gente.
- 11 • **NÃO PODE SER ESCRAVO O SEIO DE ONDE BROTA A VIDA**
A mulher na sua constante busca de libertação.
- 14 • **QUANDO SERÁ?**
A esperança de dias melhores para todos.
- 15 • **IGREJA E TRANSFORMAÇÃO**
Revisar as posições de testemunho.
- 16 • **PERDÃO**
Exigência, porém não abdicção.
- 17 • **SÓ ACOLHER**
O gesto do respeito.
- 18 • **CINZAS**
A humildade para a conversão.
- 19 • **AS INDULGÊNCIAS**
Sua história tormentosa.
- 22 • **"J. SILVESTRE"**
Subsídio para análise do programa.
- 23 • **UM JOGO FASCINANTE**
Pensar mais para ser mais humano.
- 24 • **ÁI DE TI, FRENOVA, ÁI DE TI, PIRAGUASSU!**
Denúncia contra as arbitrariedades e assassinatos.
- 25 • **REZEMOS AO SENHOR**
As intenções missionárias de João Paulo II.
- 26 • **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
Amor e acolhimento entre os cônjuges.
- 29 • **A PALAVRA DE DEUS NA LITURGIA EUCARÍSTICA**
Subsídio para as leituras dominicais.
- 31 • **ORAÇÃO À VIRGEM PASTORA**
Poema.
- 32 • **ÁLCOOL E DROGAS NÃO COMBINAM**
A contínua luta contra o alcoolismo.
- 33 • **JESUS CAMINHA COM ELES**
Reflexão bíblica sobre os caminhos e os companheiros de Jesus.

FOTO DA CAPA: Mecenas M. Sales

EDITORIAL

Vida condigna para todos é a meta

Esta edição de março da Revista AVE MARIA que o amigo leitor tem em mãos traz uma síntese da temática da Campanha da Fraternidade deste ano: "Para que todos tenham vida".

É uma campanha que procura conscientizar e motivar a ação dos cristãos e dos homens de boa vontade na tarefa de zelar pela vida. Mais do que ter o que comer e onde dormir, trata-se de criar condições concretas que assegurem a sobrevivência e o desenvolvimento pleno da personalidade das pessoas.

O quadro geral de nossa realidade não é dos mais otimistas. Agrava-se dia a dia a situação de mal-estar e insegurança provocados pela violência, pelo desemprego, pela desenfreada e sistemática alta do custo de vida.

Teórica e praticamente os direitos humanos estão sendo desrespeitados. Corre-se o risco de se criar uma apatia ou simplesmente uma acomodação diante das situações. E a vida, principal dom de Deus, passa a valer muito pouco.

Os Meios de Comunicação Social, sobretudo a TV, mesmo informando fatos e acontecimentos que ameaçam a vida, escondem outros, não menos importantes. Diante disso este número traz um depoimento/denúncia do bispo de São Félix do Araguaia. Lá, no coração do Brasil a arbitrariedade e o desrespeito aos direitos das pessoas ainda aviltam a vida, encurralando-a em sufocantes espaços e não raro a destroem completamente em nome do acúmulo de bens sem medidas, e sem respeito aos mais humildes.

Existem fermento cujas dores não podem ser caladas. O grito é a expressão mais coerente daquele que valoriza a própria vida e a vida do seu semelhante. E é de lá, do coração do Brasil, que ouvimos um recente clamor em nome da vida: "Não invadam nossas casas", "Não nos despejem", "Não nos prendam", "Não nos espanquem", "Não nos matem".

A história dos antepassados sempre nos deixa heranças culturais. Costumes, crenças e hábitos de um tempo que precisam ser sempre revisados. Um pouco da história das indulgências vai ajudar-nos a entendê-las melhor e a usá-las com mais proveito.

Para ajudar-nos a pensar a sociedade cristã enraizada aos problemas do povo e que seja o fermento do Evangelho, Frei Leonardo Boff escreve um artigo sobre "Igreja e Transformação". Alguns breves porém úteis elementos históricos vão nos recordar como, sutilmente, a ideologia do poder e das classes dominantes pode desviar do caminho evangélico até os mais bem-intencionados, ou, ainda, anular a energia do fermento.

A Campanha da Fraternidade deste ano é um apelo à tarefa para que **TODOS tenham vida. Vamos nos irmanar neste trabalho!**

P.C.G.

am
avemaria

□ AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria Ltda. Propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos. Fundada a 28 de maio de 1898. Registrada no S.N.P.L., sob nº 221.689, no S.E.P.J.R., sob nº 50, no R.T.D., sob nº 67, e na DCDD do DFP, nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005-1934. Publicada na cidade de São Paulo, Brasil. □ Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 3º e 4º andares. (Tel. (011) 66-2128 e 66-2129) Cx. P. 54.215 (CEP 01.227) - São Paulo, SP. □ Composição, Fôtofoto e Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria Ltda., Rua Martim Francisco, 656 - (Vila Buarque - CEP 01.226) - São Paulo. □ A assinatura da AM pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque (pagável em São Paulo), vale postal ou valor declarado em nome da Administração da Revista Ave Maria. - Nas pequenas cidades, onde estas formas sejam difíceis, pode-se enviar a importância em selos de correio. A maioria das cidades são visitadas por nossos representantes que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinatura são feitas por banco e pelo correio. □ Preços: Número avulso Cr\$ 600,00 - Ass. Anual Cr\$ 6.000,00 - Ass. de Beneficor Cr\$ 10.000,00.

Diretor de Redação: Cláudio Gregianin.

Colaboram neste número: Márcia Monteiro, Alceu Luiz Orso, José Wanderley Dias, Ana Valim, André Carbonera, Leonardo Boff, Isidoro De Nadai, Mauro Martins Amatuizi, Antônio Lagoa, Giuseppe Grampa, Maria Amélia Santos Vaz e L. F. San'oro, Ida Laura, Pedro Casaldáliga, Maria do Carmo Fontenelle, Carlos Antônio Pereira, Saveriano Rodrigues e Donald Lazo.

Arte e Produção: Pedro Ribeiro.

Revisão: Atílio Cancian.

Diretor Administrativo: Nestor Antônio Zatt.

Circulação e Assinaturas: José Rodrigues de Almeida e Isaias Teixeira Vieira. Representantes e Promotores: Galdino Moreira, Joaquim Dias de Castro, Antônio T. Sato, Dicmar Ignácio de Aguiar, João Ferreira de Menezes e Jerônimo José de Faria. Publicidade: Cláudio Gregianin.

Editor Responsável: Cláudio Gregianin.

Bíblia no Japão

Tóquio (CIC) — Foram vendidos no Japão no ano passado três milhões de Bíblias, o que prova o sempre maior interesse dos japoneses pelo cristianismo.

Religiosas acusadas de promover saques

Propriá (CIC) — Ao se reunirem, no dia 11 de janeiro, para refletir sobre seu trabalho pastoral junto aos trabalhadores — dizimados pela seca — da diocese sergipana de Propriá, missionários da diocese tomaram conhecimento de um documento elaborado por políticos que injustamente criticaram a ação pastoral da diocese. Acusaram ainda as irmãs da Congregação de Jesus

Empregados partilham responsabilidades de empresa

Porto Alegre (CIC) — Membro da Associação de Dirigentes Cristãos de Empresa, Paulo Renato Ketzer foi eleito presidente do Conselho Arquidiocesano de Leigos (CAL) que coordena as atividades dos cristãos leigos de Porto Alegre. Ketzer quer desenvolver trabalho apostólico junto aos empregados. Em sua empresa, os operários participam das responsabilidades, das decisões e também dos lucros. Paulo diz que é mais fácil ser cristão dentro da Igreja, onde há igualdade de objetivos, que numa empresa, onde “é preciso enfrentar a concorrência desleal dos outros e se manter fiel aos princípios cristãos, dentro de uma conjuntura como essa, onde a tendência seria pagar menos aos seus funcionários para poder fazer um produto com menor preço, vencer a concorrência e vender mais”.

na Santíssima Eucaristia de incentivarem saques no comércio de Propriá. Os missionários em abaixo-assinado condenam a atitude de tais pessoas que, mentindo, “visam tão-so-

mente esconder as irregularidades praticadas pelos referidos políticos na tentativa de instrumentalizar as Frentes de Serviço em função de seus interesses escusos”.



Movimento Mariápolis

Fátima (CIC) — O Movimento Mariápolis, criado em 1943 em Trento, Itália, por Chiara Lubich, reúne jovens, adultos, crianças, homens e mulheres.

Está atualmente implantado em 146 países do mundo. Em seu último congresso, que se realizou em Fátima, estavam presentes mais de três mil pessoas.

A Igreja na Coreia

Coreia (CIC) — A Igreja católica coreana prepara-se para comemorar o bicentenário de fundação, sobretudo dando ênfase à missão evangelizadora. Os católicos na Coreia somam um total de um milhão e 500 mil pessoas, atendidas por 1.200 sacerdotes e 3.500 religiosas.

Vocações na Tailândia

Bancoc (CIC) — O aumento de vocações religiosas e sacerdotais na Tailândia faz prever uma próxima autonomia de recursos humanos na evangelização do país. No entanto, o número de católicos no país é muito reduzido: numa população de 48 mi-

lhões de habitantes existem apenas 200 mil católicos.

Os religiosos na Polônia

Varsóvia (CIC) — A Igreja católica da Polônia conta com 27 dioceses, totalizando 7.299 paróquias, nas quais trabalham 21 mil sacerdotes, 84 bispos e cerca de 10 mil religiosas pertencentes a 45 Ordens e Congregações. Há 6.714 seminaristas e 688 novos sacerdotes.

Matança de índios

Tegucigalpa (CIC) — O Prêmio Nobel da Paz de 1980, Adolfo Pérez Esquivel, visitou Honduras no início de janeiro e denunciou a matança de cerca de 200 índios miskitos nicaraguenses que pretendiam voltar a seu país. O comunicado, entregue na Embaixada da Nicarágua em Tegucigalpa, afirma que o crime ocorreu no dia 6 de janeiro.

Párocos contra mísseis

Ragusa (CIC) — A maioria das paróquias da Sicília estão contra a instalação dos 112 mísseis Cruise em território siciliano. Nas missas de Ano-Novo quase todos os párocos falaram do assunto, classificando de afronta a instalação dos mísseis e protestando contra a bênção dada às instalações pelo bispo local.

O catolicismo no Vietnã

Vietnã (CIC) — Desde 1963 nada se sabe de certo sobre a situação da

Igreja católica no Vietnã. Segundo a imprensa internacional, o governo vietnamita restringiu a liberdade dos bispos e condenou à prisão sete sacerdotes.

Escolas católicas na Índia

Nova Déli (CIC) — Uma das prioridades da Igreja católica da Índia é a criação de escolas católicas para maior evangelização e promoção humana. A Índia possui 684 milhões de habitantes, dos quais 11 milhões e meio são católicos.

Alcoolismo

Brasília (CIC) — O consumo excessivo de bebidas alcoólicas é responsável por 90% das internações nos hospitais psiquiátricos do País. Além disso é o terceiro colocado entre as causas do afastamento do trabalho de funcionários.

Renda per capita

Petrópolis (CIC) — Enquanto nos países desenvolvidos a renda per capita anual ultrapassa 10 mil dólares, as populações dos 125 países que compõem o chamado Terceiro Mundo são obrigadas a sobreviver com uma renda anual per capita inferior a 800 dólares. Esta pobreza leva à morte mais de 10 milhões de crianças cada ano.

Campanha de entre-ajuda alcança bom resultado

Recife (CIC) — Segundo informes do órgão oficial da arquidiocese de

Olinda e Recife, “a campanha de ajuda às vítimas da seca vai alcançando bom resultado,” graças à colaboração e execução dos pequenos projetos alternativos, coordenada pelo Secretariado Regional Nordeste II da CNBB, com a colaboração da arquidiocese de Olinda e Recife e de entidades estrangeiras, como a Misereor e a Oxfam. O mesmo comunicado informa que “até agora, a execução dos projetos atinge 3.464 famílias da área flagelada, num total de 18.432 pessoas”. Por sua vez a coordenação dos pequenos projetos alternativos faz um apelo para que mais comunidades brasileiras assumam e prestem seu apoio às comunidades nordestinas vítimas da seca.

A prostituição deve ser combatida

Lins (CIC) — No n. 8 de seu informativo trimestral, o Movimento de Libertação da Mulher traz

uma reflexão de seu presidente padre Hugue d'Ans. Nesta matéria d'Ans aborda amplamente o tráfico de seres humanos e o lenocínio condenado na convenção da ONU em dezembro de 1949. Esta decisão das Nações Unidas, segundo o padre, foi uma grande e imprescindível etapa mas não adianta mudar a lei sem, justamente com ela, mudar a mentalidade do povo que justifica o problema da prostituição, dizendo que ela é “a profissão mais velha do mundo, que é um mal necessário,” etc. “Enquanto a mulher continua a ser vista como objeto sexual — diz o padre — haverá prostituição, exploração e machismo”.

A fome continuará matando no mundo

Roma (CIC) — Dos 117 países do Terceiro Mundo, 65 continuarão a ter fome até o ano 2000. Esta declaração foi feita em Ro-

ma diante dos ministros da agricultura de 150 países, pela Organização das Nações Unidas para a Alimentação e Agricultura (FAO). A África é o continente com maiores problemas e precisa urgentemente trocar sua política agrária. Deverá, afirmam os técnicos da FAO, abandonar o cultivo do trigo e promover o plantio em larga escala do milho. Facilmente a África poderá cultivar 424 milhões de hectares com milho, o suficiente para substituir com vantagens o trigo. A FAO está fazendo uma série de estudos sobre os lençóis de água no mundo. Reconhecem os técnicos que justamente as partes altamente povoadas do globo são terras sem esperança. Entre elas mencionam o Oriente Próximo, o Paquistão, o Bangladesh, a ilha de Sumatra e boa parte da África. É nestas zonas que se encontram no momento os 550 milhões que sofrem fome. Lembrou ainda a FAO a necessidade de uma reformulação da política de créditos aos países que querem refazer a agricultura, e propôs a criação de um banco de sementes.

AVISO AOS ASSINANTES DE SANTOS

Aos nossos prezados assinantes de Santos pedimos a gentileza: na primeira oportunidade façam a renovação de suas assinaturas da Revista AVE MARIA para o ano de 1984 na Secretaria da Igreja Coração de Maria — Avenida Ana Costa, 74 — Vila Matias — Santos, SP. Agradecemos a atenção e a colaboração.

A Direção

Perseguição a posseiros no Mato Grosso

Porto Alegre do Norte (CIC) — Num relatório sobre a situação dos posseiros que vivem na região de Porto Alegre do Norte, MT, a advogada Maria José Souza Moraes e padre Antônio Canuto descrevem a situação dos posseiros das fazendas Piraguassu e Frenova, onde saques, invasão de casas, seqüestros e morte têm ocorrido ultimamente. Segundo a advogada e o padre, “apesar dos pistoleiros terem se afastado da região, a situação é de tensão”. Afir-mam ainda que “as famílias se sentem inseguras, inclusive quem não está envolvido diretamente no conflito”. No relatório se constata também “que não há o mínimo interesse das autoridades em desvendar os fatos, pois há provas mais do que suficientes do terrorismo desencadeado, e não seria difícil localizar os culpados”.

- Aqui respondemos às perguntas sobre a vida cristã, a história, as leis e os costumes da Igreja, a moral e a teologia, a Sagrada Escritura e a liturgia.
- Assuntos mais delicados e pessoais são respondidos por carta. Neste caso, é favor enviar selos para a resposta.
- Correspondência para: Alceu Orso, C.M.F. — Cx. Postal 54.215 — CEP 01227 São Paulo, SP



1.945

A ALMA APÓS A MORTE

Após a morte de uma pessoa, a alma vai imediatamente à presença de Deus ou vai demorar? (A. C. A. — ES).

Logo após a morte de uma pessoa, a alma não vai imediatamente à presença de Deus; a alma já está na presença de Deus. Como nós não vemos a alma, imaginamos que ela é como o corpo que vemos — fica esperando, para depois subir ao alto. Isto é pura imaginação. Na eternidade não há categorias de espaço e tempo que nós usamos. Também não podemos fixar com exatidão o momento, o instante em que a alma se separa do corpo (ou melhor, em que o homem passa da corporalidade limitada a outro

tipo de corporalidade ilimitado) com relação à matéria.

1.946

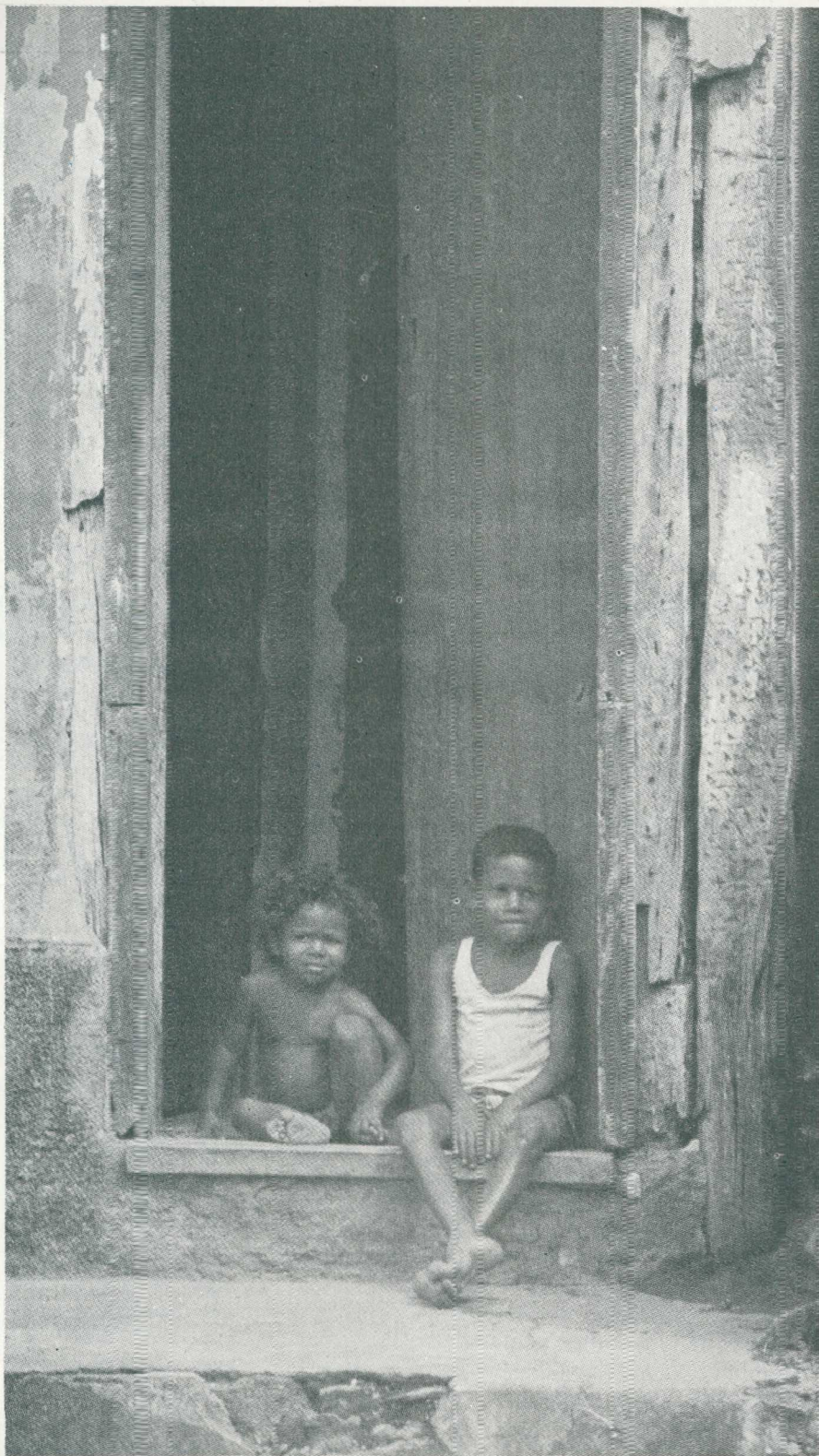
"IMAGENS"

Por que o uso das imagens na nossa Igreja? (A. H. L. — S. A. Monté, MG).

Em tudo, até mesmo na renovação da Igreja, pode haver excessos e pode haver descuidos. Na prudência e no meio-termo é que está a virtude e a verdade. No Antigo Testamento Deus vetou aos israelitas a confecção de imagens, visto que na antiguidade pré-cristã facilmente se atribuía a esses artefatos um caráter religioso, pois eram considerados pelos pagãos como símbolos em que a divindade estava presente.

Diante dessa mentalidade dos povos vizinhos de Israel, o uso de imagens acarretava perigo para a fé monoteísta dos hebreus. Para evitar a confecção de imagens, o Senhor não tomava forma na figura quando falava a Israel, apenas fazia notar a sua presença por meio de raios, trovões, etc. O texto que fala da proibição é Dt 4,15. E os textos proféticos que rejeitam as imagens são Is 40,18; 44,9-20; Jer 10,2-5. As razões que levavam os antigos a adorar imagens eram de ordem mágica, pois os povos primitivos julgavam que a imagem participava da essência do indivíduo representado, ou que a imagem era o próprio indivíduo. Em consequência, quem fizesse a imagem de um deus, capturava esse deus ou exercia domínio e poder sobre ele. Mas, em certos casos, tomadas as cautelas contra o perigo de idolatria, o Senhor não somente permitiu, mas até mandou que se confeccionassem imagens sagradas, a fim de elevar a piedade de Israel. Temos imagens como querubins (Êx 25,17-22), serpente de bronze (Nm 21,4-9), leões do palácio de Salomão (1Rs 7,28). No Novo Testamento, na sua pregação, Jesus houve por bem ilustrar as realidades transcendentais (reino de Deus, a misericórdia do Pai...) mediante imagens inspiradas pelas realidades visíveis, como campo, figueira, pás-

saros do céu, bom pastor, videira, etc. Nos primeiros séculos do cristianismo, ainda se lêem testemunhos de escritos cristãos que apontam mal-entendidos ou abusos por parte dos fiéis no uso das imagens. As autoridades eclesásticas aprovam a veneração das imagens, têm exercido controle sobre os tipos de imagens utilizadas no culto cristão; nunca poderão ser inspiradas unicamente pelo esteticismo, pela devoção popular exuberante. Não é bom tirar todas as imagens de uma igreja, sobretudo quando o povo está acostumado a elas. Aliás, é bom recordar aos vigários que nenhuma reforma deve ser feita sem a conveniente preparação pastoral do povo. Por outro lado, permitir que os altares continuem cobertos de imagens favorecendo uma prática religiosa puramente devocional e às vezes supersticiosa, é também uma omissão lamentável. O Concílio Ecumênico Vaticano II reafirma a doutrina tradicional da Igreja a respeito do culto dos santos e de suas imagens e relíquias (*Sacrosanctum Concilium*, nºs. 111.125; *Lumen Gentium*, nº 51). A veneração dos santos conforme o ensinamento da Igreja é uma glorificação do próprio Deus que os santificou com a sua graça e o seu poder. Mas a melhor devoção é imitar os exemplos dos santos.



Campanha da Fraternidade - 1984

**PARA QUE TODOS
TENHAM VIDA**

A missão
e a razão de
ser da vinda de
Jesus Cristo:
“Eu vim para
que todos
tenham a vida e
para que a
tenham em
abundância”
(Cf. Jo 10,10).

A Campanha da Fraternidade deste ano tem como tema a vida, sob o lema: Para que todos tenham vida. É nas palavras de Jesus “Eu vim para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10, 10) que o tema tem sua base.

A idéia central é desenvolvida em três partes: 1 — Vivendo a vida que vivemos. 2 — Em Cristo a vida venceu a morte. 3 — A luta em favor da vida.

Em meio à nossa sociedade a mor-

te vem ganhando ano após ano em cifras. Não somente pelo crescimento da população mas pela real dificuldade em viver. E nisso a dignidade do homem é ultrajada. Sem se deixar levar pelo desânimo, é necessário continuar a examinar a raiz, o tronco e os ramos de toda a realidade complexa que tende a levar à morte, nem perder de vista a floresta da qual faz parte esta árvore.

Vendo a vida que vivemos

“O que é a vida?” “Como definir, descrever ou captar toda vibração, esperança, sofrimento e luta que se encerram nessa breve palavra VIDA? Como tentar medi-la sem escravizá-la enquanto profundo mistério pessoal e enquanto história de um povo?”

A vida de todos nós brasileiros é a do dia-a-dia. Levantar-se, ir para o trabalho (quando se tem), apanhar o ônibus ou o trem, esquentar a marmita, suar a camisa, pensar nas contas e nos aluguéis e sonhar com a “esportiva”. É um terra-a-terra diferente do imaginado pelos tecnocratas para os quais “POVO” é um termo abstrato. É um feijão-com-arroz diferente que tem sua vitalidade e energia próprias. É a vida que acontece nas grandes cidades, nos pequenos povoados ou na roça.

Com que olhos ver e com quais ouvidos ouvir esta nossa vida? Os meios de comunicação social, jornais, revistas, rádios, TVs (apesar de serem excelentes recursos) mostram e dizem que estamos caminhando para uma desumanização e para a deterioração.

O quadro geral é o de uma população apavorada com a onda de assaltos, homicídios, corrupção, violência policial, torturas, projetos de lei atentatórios à vida inocente, onde cada vez maior o desemprego nas grandes e pequenas cidades e também nos campos, grilagens de terra e a expulsão de homens humildes e honrados camponeses do chão que eles trabalharam por dezenas de anos e que vão engrossar a fila dos bóias-frias, favelados, desempregados e subempregados, fruto de um sistema pecaminoso em suas estruturas básicas.

Nossa consciência, infelizmente, com muita facilidade perde a memória de manchetes como essas do ano passado: “Fome ameaça 12 milhões de crianças”; “A guerra urbana mata 600 por mês em São Paulo”; “Polícia admite execução de 30 jovens”; “O corpo minado pela química”; “Crise fará o Governo controlar a natalidade”; Armas — Combate X aborto — O Brasil tenta vender ao exterior”; “Migrante só tem vez na mendicância”; “Papa vê existência do homem ameaçada”; F.M.I. exige natalidade controlada”.

No final das contas, entra-se num círculo vicioso. Os meios de comunicação alertam contra o perigo da vida, mas ao mesmo tempo incentivam a violência e a vingança com filmes e seriados. Os países se armam, a população se arma. Pretende-se acabar com a guerra e a violência, fazendo guerra e justiça pelas próprias mãos. Pretende-se proteger a vida com meios que levam à morte.

Nesse xadrez complexo, percebe-se o entrechoque entre a vida e a morte. E a espiritualidade cristã, o testemunho profético — que a Igreja precisa oferecer da vida nova da graça — acham-se dentro dessa realidade, no jogo da vida. É aí que a comunidade cristã terá que cumprir sua missão de “anunciar com destemor tudo o que se refere a esse Caminho que conduz à Vida” (At 5, 20).

O homem precisa apegar-se sempre a algo superior que lhe dê forças para lutar, para viver, para trabalhar. Algo que lhe dê esperança. Diante disso, ou ele busca o Deus Vivo e Verdadeiro, o Deus de Jesus Cristo, Aquele que dá a vida em plenitude, ou ele coloca no lugar de Deus um ídolo. Os ídolos são produzidos pela mãos dos homens e por suas fantasias. De sua essência destila-se um veneno de morte. A tudo contamina: economia, organização política, relações de trabalho, relações entre nações, povos e classes.

O fruto dessa idolatria é nossa realidade mais crua que podemos ver na péssima qualidade de vida do povo brasileiro: “A injustiça geradora da miséria e da não-vida de tantos brasileiros, além de ser resultado da maldade pessoal, é fruto do pecado social, da missão e da ação dos que são escravos do pecado. Ou, em termos não teológicos: a injustiça nasce

de determinadas estruturas, situações e condicionamentos sociológicos bem precisos. É esse engenho desumano que, no dizer de João Paulo II, “está produzindo, em nível internacional, ricos cada vez mais ricos, à custa de pobres cada vez mais pobres”.

Na raiz dos males sempre existem as causas. E as causas de nossos males sociais estão no sistema e na estrutura pecaminosa. Isto é, uma máquina ideológica e administrativa que produz regras que privilegiam poucos e leva a grande maioria ao caminho da morte; que causa os conflitos de terras e do solo urbano, que agravam o problema da moradia; que manifesta os sintomas da morte no panorama ecológico; que leva a injusta distribuição de renda e ao modelo político que alija o povo da participação e não o deixa escolher caminho livre para o seu destino; que impõe o controle da natalidade como se as crianças fossem culpadas da miséria. O próprio sistema propicia todo o meio ambiente para que o senso ético e mesmo religioso vá se corroendo, diante de tanta corrupção e escândalos vindos das próprias autoridades que incentivam um número sempre maior ao mesmo caminho, pela sensação de completa impunidade.

Em Cristo a vida venceu a morte

O quadro estrutural da nossa sociedade nos mostra o resultado da ação do homem agindo contra Deus. Mas a fé demonstra a força de Deus que torna eficaz a sua graça e seu desígnio de Vida.

Desde os tempos mais antigos os profetas sabiam ler a vontade de Deus nos acontecimentos da história.

E a vida toda de Jesus de Nazaré foi uma contínua manifestação de qual é a vontade do Pai. “Eu vim, disse Jesus, para que todos tenham vida e a tenham em plenitude” (Jo 10,10). Com o mesmo espírito, assim viviam as primeiras comunidades cristãs, procurando a unidade e a fraternidade sem que ninguém sofresse necessidades (Cf. At 2, 44-45).

Este espírito evangélico-libertador e salvador que procura manter vigente o desígnio de Deus para com os

seus filhos, realizando assim o seu projeto criador, foi o objeto dos estudos do Concílio Vaticano II, quando o papa João XXIII lembrou a todos a obrigação de olhar para os sinais dos tempos, tentando discernir a vontade de Deus; a Assembléia dos Bispos Latino-Americanos em Medellín, na Colômbia, e posteriormente em Puebla, no México, trabalhou no sentido de traduzir as linhas do Concílio sobre a realidade do povo do nosso continente para que a pastoral criasse condições de Vida a todos os homens.

“É sempre bom retomar o fio condutor desse discernimento sobre os sinais de Deus. Sinais que têm seu verdadeiro e principal critério no testemunho prático, nos gestos concretos de fraternidade vividos pela comunidade cristã”.

A manifestação de Deus está por trás dos acontecimentos e, para entendê-la, o cristão orienta sua reflexão a partir dos princípios tirados da Bíblia.

As verdades bíblicas fundamentais são: DEUS É O PRINCÍPIO ABSOLUTO DA VIDA; A VIDA HUMANA É PARTICIPAÇÃO NA VIDA DIVINA; DEUS QUER A VIDA E NÃO A MORTE.

Jesus de Nazaré carrega sobre os seus ombros as dores e os sofrimentos do povo. O profeta Isaías, sete séculos antes, chama-o de o Servo de Javé, aquele que liberta o seu povo (Cf. Is 61, 1-2). E Cristo atribui a si essa missão profetizada por Isaías (Cf. Lc 4, 18-19).

Alguns sinais evidenciam que o Reino de Deus já começou. Jesus veio para salvar a todos, contudo é necessário entender que muitos não querem, e isto acontece quando põem sua vida a serviço das riquezas. Não há possibilidade de servir a Deus e às riquezas ao mesmo tempo (Cf. Mt 19, 16-24). É mais fácil, diz Jesus, entrar um camelo no fundo de uma agulha do que um rico no reino dos céus. Ou seja, do que aquele que não partilha. Por isso é que Jesus veio pobre para anunciar a salvação aos pobres e identificar-se com eles (Cf. Lc 7, 18-23). Os destinatários desse Reino anunciado por Jesus são os pobres (Cf. Lc 6, 20-22).

Está fora de dúvida que no mundo de hoje todos temos necessidade do dinheiro para viver e satisfazer

nossas necessidades, mas não podemos colocá-lo no lugar de Deus nem achar que o Amor, a Justiça e a Verdade devem estar a ele subjulgados.

Num mundo que tende ao egoísmo, ao orgulho e auto-suficiência a salvação age a partir da conversão radical do coração humano para os caminhos de Cristo. E esta conversão exige atos concretos. Um dos sinais de conversão é a partilha do pão. Jesus ensinou a rezar: “Dai-nos hoje o pão de cada dia”. E disse de si mesmo: “Eu sou o verdadeiro pão que desceu do céu” (Jo 6, 33). E disse também que o critério decisivo para o julgamento é a partilha do pão: “Eu tive fome e me destes de comer...”; “Eu tive sede e me destes de beber...” (Cf. Mt 25, 35-46).

É à luz dessas afirmações de Cristo que os cristãos, que realmente colocam em Jesus Cristo sua esperança, examinam e julgam os fatos da vida de hoje.

A luta em favor da vida

Diante de uma realidade brasileira difícil, na qual existem muitas tensões sociais e problemas econômicos, é bom não perder de vista que todos os brasileiros, o povo todo e não uma minoria, constituem o grande objetivo do desenvolvimento nacional. “Para que todos tenham vida” — este é um longo caminho ainda a percorrer. Na Campanha da Fraternidade pede-se, em particular aos cristãos, que o percorram como “construtores da paz” (Mt 5, 9).

Os fatos que denotam sinais de esperança na caminhada são vários. Entre muitos, a Igreja do Brasil está vivendo uma realidade de profundas conseqüências na renovação da própria Igreja e da sociedade. São as Comunidades Eclesiais de Base”. As Comunidades Eclesiais de Base trazem algo de novo e esta característica solidária de nossa cultura popular. No campo e na cidade, as comunidades cristãs vão descobrindo formas novas da fraternidade e partilha. Elas vão comprovando “como é bom e alegre viverem os irmãos unidos” (Sl 132, 1). E o vão comprovando na celebração da Eucaristia, nas festas religiosas, vias-sacras, benditos, lutas

comunitárias em favor do bem comum, defesa dos direitos dos irmãos massacrados por vários tipos de opressão, na convivência do dia-a-dia, na amizade, na preocupação com os enfermos, no cuidado dos idosos e crianças”.

A Campanha da Fraternidade deste ano deverá ajudar cada comunidade a redescobrir o valor das obras de misericórdia. A vida moderna e sua organização burocrática, a especialização do atendimento institucional têm servido muitas vezes para que os cristãos se esquivem de atitudes pessoais e humanas, em dar um pouco de seu tempo, um pouco de suas capacidades, um pouco de si mesmos aos que sofrem. As obras de misericórdia são expressões concretas da fé cristã. Recordemos.

Obras de misericórdia corporais:

- Dar de comer a quem tem fome.
- Dar de beber a quem tem sede.
- Vestir os nus.
- Visitar os enfermos e encarcerados.
- Libertar os presos.
- Enterrar os mortos.

Obras de misericórdia espirituais:

- Dar bons conselhos.
- Ensinar os ignorantes.
- Consolar os aflitos.
- Castigar os que erram.
- Perdoar as injúrias.
- Sofrer com paciência as fraquezas do próximo.
- Rogar a Deus pelos vivos e defuntos.

Cada cristão deve ter uma visão crítica da realidade, das causas que provocam tantos males e atentam contra a vida, para que, além do gesto particular, as nações se ampliem e alcancem o âmbito político e comunitário.

“É preciso desenvolver ações assim, para que uma vida mais abundante se estenda a todos os que no Brasil sofrem penúria por conta das estruturas iníquas. Contudo, a estruturação da assistência e promoção humana jamais sacrifiquem a participação humana, direta e pessoal da ação caritativa”.

DO FUNDO DE MEU ABISMO

José Wanderley Dias



“Meu desconhecido irmão!”

É assim que te apresentas, é assim que me vens falar;
no entanto, eu vivo à margem e em abandono,
enquanto tu andas por aí, dizendo em termos bonitos,
ante as multidões que te aplaudem,
que somos todos irmãos!

Teu nome sai no jornal e até na televisão,
chamam-te benemérito.

Mas... já te interessaste por mim como criatura,
como gente?

Ou fui e sou apenas um pretexto
para que se proclamasse
a tua bondade, a tua munificência, a tua generosidade?
Até me deste a mão numa cerimônia religiosa,
não foi mesmo?

Será que terias coragem de abraçar-me de novo,
um segundo depois que a fotografia foi tirada
e que a notícia foi transmitida via Embratel?

Escreves e falas que os homens
são de uma mesma família,
e, todavia, se te procuro, tu me dás o desprezo,
tu me viras as costas,
tu não te interessas pela minha sorte;
se te peço o abrigo de uma só noite,
talvez chames a polícia para livrar-te do importuno
que, um dia, chamaste de irmão e de companheiro!!!
Falas das virtudes da convivência,
és apóstolo até da coexistência;
...já pensaste que, talvez, haja hipocrisia de tua parte?
Ah, homem lobo do homem,
que jogas bombas incendiárias,
que seqüestras, que assaltas,

que corrompes, que poluis,
onde andam os méritos de tua alma?
Será que ainda a tens?”

Sei que estás escrevendo um livro
das mais belas façanhas,
com capítulos inteiros dedicados a ti:
se que vais encher os dicionários de palavras expressivas:
altruísmo, renúncia, caridade, beneficência, abrigo,
asilo, orfanato, hospital, socorro,
...mas será que vais apagar as que significam
infelicidade, abandono, ignorância, miséria, injustiça?
Ah, fariseu do século XX,
ah, sepulcro caiado por fora e podre por dentro!

Homem, não mintas nem te enganes,
nem pretendas comprar tua impossível tranquilidade
com dez réis de mel coado:
lembra-te de que há seres que sofrem e choram
e que precisam de mais que a esmola passageira,
que precisam de que lutes por eles, sofras com eles,
vivas por eles.

Não pregues aquilo que não praticas:
faze com que sejas crido
e o bem acreditaço;
promove o homem êquilo que dizes que ele é;
irmão do próprio homem.

Faze que a criatura sorria, que tenha esperança;
não desapontes, não cesenganes, não mistifiques;
sê e faze que os homens sejam;
dá valor à vida e faze-a digna de ser vivida;
transforma fantasmas em gente:
só assim tu também serás realmente GENTE!

Não pode ser escravo o seio de onde brota a vida

Ana Valim



O mês de março traz duas coisas importantes: a abertura da Campanha da Fraternidade e o dia Internacional da Mulher - dia 8. Neste ano o tema da CF tem muita ligação com a mulher: "Para que todos tenham vida". Neste sentido, cabe uma pergunta: É justo fazer escravo o seio de onde brota a vida? A mulher hoje busca maior participação na história, numa luta incansável rumo à libertação.

Diante do tema da Campanha da Fraternidade deste ano — “Para que todos tenham vida” — se faz necessário falar daquela em cujo seio a vida brota: a mulher. Seus problemas, suas angústias, sua luta para conquistar um lugar na sociedade. E aqui não se trata daquele lugar que lhe foi dado, desde há muito tempo, talvez até para desmobilizá-la, ou seja, mulher igual à mãe, a rainha do lar. Com isso, para a mulher: o lar, o serviço doméstico, o cuidado dos filhos, a alienação, o confinamento, a prestação de serviços, o silêncio. Sobre a mulher recaem os mais variados preconceitos e a história está aí para testemunhar. Preconceitos estes baseados em simples comportamentos até o não reconhecimento do valor feminino nos vários setores da sociedade: na política, no mundo do trabalho, na Igreja...

Talvez a escritora e jornalista Heloneida Studart tenha mesmo razão quando diz em seu livro “Mulher objeto de cama e mesa” que a mulher sofreu uma derrota que começou no dia em que ficou na caverna, enquanto o homem saía e estabelecia relações com o mundo e com os outros homens. O macho da espécie lutou, cresceu, criou, venceu, pois a ação assegurou o seu desenvolvimento mental. Enquanto isso, a mulher na caverna, posterior lar, ficou sempre na incansável espera do caçador, sem desenvolver suas potencialidades intelectuais.

Os tempos mudaram, a mulher saiu da caverna

Na verdade, apesar de toda a evolução dos tempos, ainda hoje, com exceções, enquanto o menino é solto, a menina é presa. O menino vai para a rua e desde cedo aprende a enfrentar problemas, a relacionar-se com os outros. A menina, em casa, é educada para o casamento: desde cedo, cuidar da casa, fazer o trabalho doméstico e assim por diante, atividades que não exigem grandes esforços da mente. Com isso cresce a diferen-

ça entre homens e mulheres.

Por outro lado, na situação de empobrecimento em que se encontra a maioria das famílias de trabalhadores no País, o trabalho das mulheres fora de casa se faz necessário. O salário do marido não está dando mais para “garantir as pontas”. Daí vem uma série de problemas: a falta de profissão da grande maioria das mulheres, o trabalho dobrado (fora de casa), o não cumprimento das leis trabalhistas de proteção à mulher, a discriminação sexual no que se refere ao salário (a mulher, em geral, ganha um salário mais baixo que o homem por um mesmo trabalho) e, se for casada, as coisas se complicam ainda mais (é impossível estar grávida na hora da admissão e, se engravidar na experiência, é mandada embora), a falta de creches onde possa deixar os filhos. É importante ressaltar a falta de participação da mulher trabalhadora nas lutas da classe operária — por um lado, pela própria falta de formação e de participação na história; de outro, a falta de tempo. Com isso, muitas vezes as mulheres que trabalham se tornam verdadeiras ameaças para o movimento reivindicatório da classe trabalhadora.

Apesar da atitude machista da maioria dos homens que não suportam a idéia de suas mulheres trabalharem fora de casa, de ano para ano aumenta o número de mulheres trabalhadoras. De acordo com o Centro de Estudos e Ação Comunitária — CEAC — em 1950 as mulheres compunham 17% dos trabalhadores, passando em 1970 para 31,4%. Isto porque a situação obrigou: quem ganhava salário mínimo em 1959 trabalhava duas horas para comprar a alimentação diária; em 1979 passou a trabalhar cinco horas para adquirir a mesma quantidade de alimentos.

Segundo o Ceac, em cada 100 trabalhadoras, 32 são empregadas domésticas, 16 trabalham na enxada, 8 são professoras primárias, 7 operárias de indústrias de roupas, 2 operárias têxteis, 1,7 enfermeiras não diplomadas.

No trabalho: só mulheres jovens

Segundo pesquisa feita pelo Dieese, na base territorial do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André as fábricas consideram velhos para o trabalho os trabalhadores com mais de 35 anos, no caso dos homens. As mulheres trabalhadoras representam 15,6% da categoria e estão concentradas na faixa etária entre 18 e 25 anos. São poucas que continuam trabalhando depois dos 30 anos. A mulher torna-se “idosa” a partir dos 30 anos de idade. Muitas operárias escondem sua identidade de casadas para poderem continuar trabalhando. A maioria das empresas não aceita mulheres casadas para evitar encargos sociais causados pela gravidez.

De acordo com o estudo feito pelo Dieese na base territorial do Sindicato dos Metalúrgicos de Santo André, existem 39.645 trabalhadores, sendo 6.185 mulheres (15,6%). Para que as mulheres possam atingir um nível salarial equivalente ao dos homens é necessário um reajuste de 65% no salário destas:

Diferenças de salários homem/mulher:

— até 1 salário mínimo:

1,42% da categoria
86 mulheres
453 homens.

— até 3 salários mínimos:

13.815 trabalhadores — 36,5%
9.779 homens — 30,6%
4.036 mulheres — 68,6%.

Isto significa que as mulheres estão concentradas em torno de salários baixos.

— De 3 a 7 salários mínimos:

1.554 mulheres — 26,4%
95% das mulheres ganham até 7 salários mínimos
78,7% dos homens ganham até 7 salários mínimos.

— mais de 15 salários mínimos:

621 homens

22 mulheres.

“A mulher tem que trabalhar”

É assim que pensa Edileuza Sobreira, moradora numa das favelas do Jardim Elba, São Paulo. Edileuza tem oito filhos e na casa quatro pessoas trabalham. Edileuza é doméstica em Pinheiros e trabalha das 7 às 10 horas da manhã, há oito anos. Como afirmou, a mulher tem que trabalhar, embora seja difícil. “Muitas coisas a gente aprende trabalhando porque, se ficar só dentro de casa, vira bicho”.

Edileuza ganha 40 mil cruzeiros mensais, embora seus patrões paguem a condução e ajudem com uma despesa mensal, além de roupas. Segundo ela, a maior dificuldade é levantar cedo para fazer marmitas, o café, botar as roupas no varal e quando chega do serviço fazer os serviços de casa. “Mas a gente enfrenta”, assegura Edileuza para quem o mais importante é fazer um barraco de tijolo e ganhar o pão dos filhos.

Por outro lado, Edileuza acha certo que as pessoas não tenham muitos filhos porque além do trabalho todo que eles dão, hoje ainda existe o problema do alto custo de vida — “Não adianta ter filhos e depois não ter condições de criar. Com dois já dá dor de cabeça; avalie oito?!”

A mulher controla a natalidade?

Diante de tanto debate sobre a questão do controle da natalidade, parece que quem menos tem voz e vez nas discussões é a própria mulher. Em meio às discussões de caráter político — estaria a política de natalidade atendendo a interesses das nações desenvolvidas no sentido de limitar o número de novos nascimentos? — deveria caber à mulher o direito de decidir sobre seu próprio corpo. Não há como negar, como afirma o folheto da Campanha da Fraternidade “Para que todos te-

nham vida”, a gravidade do assunto. Isto porque, se de um lado não se pode esquecer que para os países desenvolvidos o crescimento populacional do Terceiro Mundo é uma ameaça, de outro, também não se pode esquecer que na situação em que se encontram as populações mais sofridas não há condições para se criar dignamente uma criança. É certo que o planejamento familiar não é a solução para os grandes problemas como o desemprego, a falta de moradia, a injusta distribuição de renda e recursos, a mortalidade infantil, porém no momento histórico em que vivemos é uma medida importante desde que “defenda os direitos e responsabilidades de todas as pessoas envolvidas”, inclusive daquele que vai nascer... O Brasil é muito grande e tem muito lugar para muita gente ainda, mas é preciso que se dêem condições para que sejam geradas novas vidas, para que não haja tantos abortos — dois milhões por ano no Brasil.

A mulher deve acompanhar a luta do povo

Segundo a escritora Heloneida Studart, a mulher, à beira do século XXI, tem a sua oportunidade de começar a fazer civilização; caso contrário, corre o risco de ser extinta por inutilidade.

Mas isso não vai acontecer porque há muita mulher participando, entrando na luta pra valer. É o caso de Carolina de Oliveira e de dona Zefa, ambas do Jardim Elba, em São Paulo. Carolina é dona-de-casa e tem quatro filhos e, como afirmou, “a mulher tem mais vontade de lutar, mais gana, porque sofre os problemas na carne: luta pelo asfalto, pelo posto de saúde, pela canalização do esgoto porque tudo isso vai ajudar na saúde das crianças”. Carolina, além de dona-de-casa, acompanha as lutas do povo: participou nas greves, faz parte do Clube de Mães, neste ano dará aulas de alfabetização popular e faz visitas com o pessoal do posto de saúde. Segundo ela, a briga é na hora de conciliar o trabalho de casa com to-

das estas atividades; inclusive Carolina também atua na Pastoral. “Mas o pessoal da casa é todo mundo da luta” e isso ajuda muito. Como disse Carolina, a maioria das mulheres acabam não participando porque tanto o marido como os filhos, além de não participarem, não colaboram.

Por outro lado, de acordo com Carolina a posição da mulher na Igreja ainda deixa muito a desejar, o próprio povo não aceita a presença feminina, principalmente no que diz respeito aos ministérios. “O povo ainda acha mulher casada impura”. Mas, apesar de tudo, no Jardim Elba, onde a Igreja é bem mais aberta, as mulheres atuam com muita força e pela sua organização e persistência já conseguiram asfalto, canalização de esgoto, iluminação pública, posto de saúde, em conjunto com a população.

Dona Zefa trabalha na comunidade há dez anos; além de dona-de-casa, participa do grupo de rua, juntamente com Carolina, faz visita com o pessoal do posto de saúde. Segundo dona Zefa, a mulher é muito rebaixada, mas “devagar nós chega lá”. Como disse, nas celebrações que as mulheres presidem uns aceitam, outros não. “A gente não liga; devagar eles vão entendendo”.

Por outro lado, dona Zefa afirma que a mulher deve trabalhar e, se não trabalha, deve reivindicar melhorias para os homens, mesmo que eles não aceitem muito o trabalho das mulheres. “O trabalho de casa é que mais escraviza a mulher” — acrescentou dona Zefa. A mulher sempre é condenada na hora de fazer as compras, com esta carestia toda, na hora de planejar a família: se ela toma comprimido, vai contra a Igreja; se não toma e engravida, não tem condições de criar direito o filho. Eu não sou contra que a mulher evite engravidar, mas sou contra o aborto porque é contra Deus e contra a mulher também”.

E com toda sua experiência de mulher do povo, dona Zefa nunca perde a esperança: “Nós vamos lutar até vencer”.

QUANDO SERÁ?

Pe. André Carbonera, cmf

Sim. Faz tempo... Muito tempo... que esperamos dias melhores para viver melhor.

Ê!... Pois é!...

Quando será que os homens deixarão de negar a existência de Deus?...

Quando será que os governos, inclusive do Brasil, deixarão de perseguir bispos, padres, freiras, missionários, principalmente porque defendem os pobres e os sem-terra?...

Quando será que os governos atacarão, para valer, a pornografia, a partir das "altas cúpulas?..."

Quando será que haverá mais justiça salarial?...

Quando será que os salários dos políticos, dos militares e dos jogadores serão mais condizentes com a pobreza do Brasil?...

Quando será que mais gente ganhará mais?...

Quando será que menos gente passará fome, num país com tamanha terra?...

Quando será que o Brasil rezará mais, a começar por nossas autoridades?...

Quando será que aumentarão os empregos?...

Quando será que os nordestinos terão uma vida mais humana e mais justa?...

Quando será que haverá menos presídios, e mais cemitérios?...

Quando será que acabarão as mordomias dos bandidos, dos assaltantes e dos prisioneiros em geral?...

Quando será que a Igreja católica será menos atacada por outras confissões religiosas?...

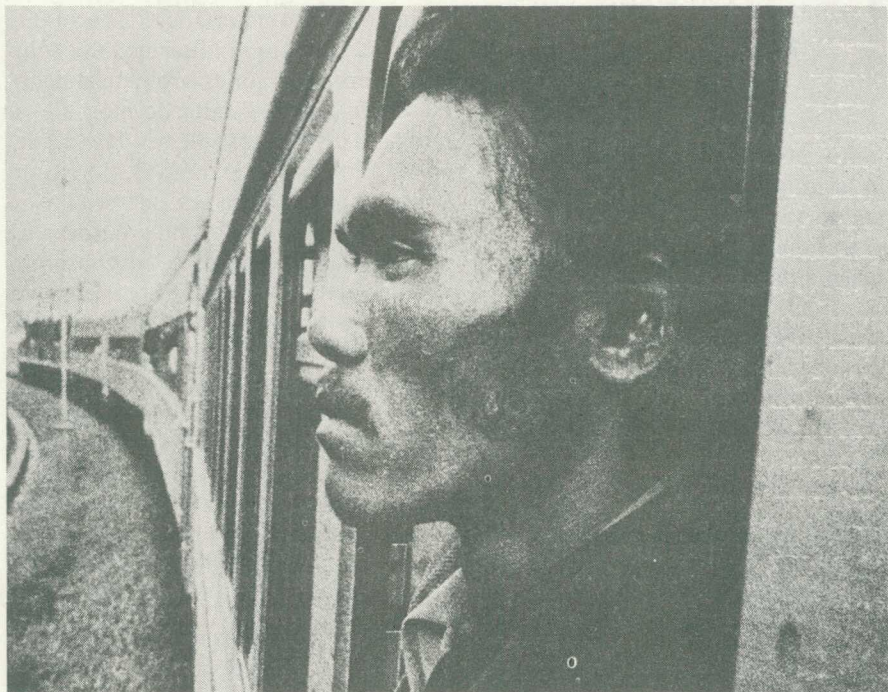
Quando será que mais gente não terá vergonha de viver a fé, a religião?...

Quando será que diminuirá a vagabundagem?...

Quando será que os russos e os americanos deixarão os outros países em paz e independentes?...

Quando será que terminarão as guerras na América Central?...

Quando será que o Líbano volta-



rá a ser o decantado Líbano da Bíblia?... Quando será que os namorados e noivos viverão como namorados e noivos, e não como casados?...

Quando será que os casados terão mais vergonha na cara, e viverão como casados e não como solteiros?...

Quando será que diminuirão os assaltos?...

Quando será que os preços, em geral, serão mais justos e acessíveis?...

Quando será que os homens viverão mais fraternalmente?

Quando será que Deus fará justiça pelo terrível assassinato dos 269 passageiros do avião coreano?... e do recente seqüestro do Air Bus da Cruzeiro?...

Quando será que o Brasil será, de fato, Brasil brasileiro, e não estrangeiro?...

Quando será que os "políticos" deixarão de brincar com os eleitores?...

Quando será que mais gente terá mais dinheiro, mais roupa, alimento, casa e terra próprias?...

Quando será que as universidades formarão mais cristãos, e menos

ateus, relaxados e à-toas, em matérias de fé?...

Quando será que a disciplina, nas escolas, voltará a ser disciplina, no duro?...

Quando será que a "PEDAGOGIA DO CHINELO" retornará ao campo da vida?...

Quando será que os homens serão HOMENS, e as mulheres serão MULHERES?...

Quando será que teremos mais paz, no mundo?...

Quando será que aumentará a felicidade?...

Quando será que a Mãe de Deus deixará de ser menosprezada por alguns não-católicos?...

Quando será que rezaremos mais?...

Quando será que seremos mais honestos e justos?...

Quando será que todos possam ter vida com mais abundância?...

Quando será?...

Quando?...

Urge rezar não apenas um PAI-NOSSO, mas um mundo de PAIS-NOSSOS...

E fim de papo...

Igreja e transformação (I)

Frei Leonardo Boff, ofm

A realidade da vida do povo do tempo presente exige das instituições, assim como também da Igreja, uma contínua revisão das posições tomadas no quadro social e um novo caminhar.



Um processo de mudança

Como a Igreja se situa dentro de um processo de mudança? Mudança qualitativa, pois transformação é mais que uma reforma, é uma inovação das relações sociais entre os vários grupos que compõem a sociedade. O Vaticano II nos deixou claro que não é o mundo que está dentro da Igreja, mas a Igreja que está dentro do mundo. E na consciência latino-americana, expressa em Medellín e Puebla, e na CNBB também, está muito claro: o problema não é tanto

Igreja/mundo, o problema é Igreja e sociedade de classes. Porque o que nós vivemos é uma sociedade de classes.

A pessoa se define numa classe à medida que se insere dentro do processo produtivo: o que ela produz, qual sua importância no processo produtivo, ou como patrão ou como operário, ou como aquele que está no jogo da administração da sociedade, ou aquele que ocupa o lugar da decisão política. E esta sociedade de classes não se caracteriza fundamentalmente pela colaboração entre as vá-

rias classes, mas pela divergência de interesses. Isto é, a classe que detém o poder econômico dirige a sociedade e tem um poder extraordinário que é muito maior que o poder da classe operária que, embora numericamente muito maior, tem menos poder de barganha, de pressão.

Sempre que há sociedade de classes, há uma classe, ou um bloco de classes, que se encarrega de conduzir esta sociedade. Esta classe consegue impor a direção dela a todas as demais classes. Existe então o bloco dirigente, o bloco hegemônico que, no caso da sociedade brasileira e latino-americana de modo geral, é constituído pelo complexo dos que detêm o capital, aliados aos que detêm o poder militar e o saber. Estes três juntos formam o bloco histórico hegemônico. Ele consegue fazer com que os outros aceitem a direção que ele dá. Esta aceitação se faz, no momento, por dois caminhos: pela coerção e principalmente pelo caminho da ideologia, passando aos demais, valores, idéias, mediante os quais eles aceitam esta condução. E os grandes veículos para fazer passar esta ideologia, isto é, a idéia que a classe dirigente tem de si mesma, do Brasil grande, do nosso passado, dos anseios nacionais, dos valores, é a família, é a escola, são os Meios de Comunicação. E aqui entra a importância da Igreja. Uma das preocupações importantes da classe dirigente é conseguir conquistar para si a Igreja. Isto vai criar na Igreja uma aproximação com o poder e uma evangelização a partir do poder.

Um novo caminho

A Igreja durante séculos evangelizou a partir do poder. Evangelizou os pobres, os negros, a grande massa do povo e viu o povo com o olho do rico. Então o povo e os pobres aparecem como carentes, necessitados que importa a gente ajudar. E a Igreja, neste sentido, sempre teve uma preocupação com os pobres. Mas fez isso aliada à classe dominante e disto re-

sulta o processo que hoje a gente chama de assistencialismo, paternalismo, que efetivamente ajuda o povo de uma certa maneira. Na medida em que vamos percebendo a própria força do povo, percebemos que esta ajuda é insuficiente, porque não aproveita a força do próprio povo. Só se vê o povo como um carente, um que não tem. Não se dá conta de que, além de carente, ele é um espoliado, um explorado no salário, no seu direito de trabalho, na sua moradia, na sua participação na educação, nas decisões de ordem econômica e política. O povo não é só carente, mas é marginalizado, conduzido como uma grande massa que quase não tem participação.

Mas como a Igreja atravessa todo o corpo social, ela também está no meio do povo. E como este povo começou a se organizar, a partir sobretudo dos anos 60, não só no Brasil, mas em toda a América Latina, ele foi também dando uma versão dele do cristianismo. Foi conquistando gente de Igreja: padres e freiras, bispos e também cardeais, que foram assumindo a causa do povo e dando uma versão libertadora da fé cristã: que vai na direção dos interesses do povo, de querer participar, de decidir, de arranjar melhor o sistema de trabalho. E aí foi criando um outro bloco: a Igreja ligada às classes subalternas.

Uma Igreja que vem de uma tradição ligada às classes dominantes começa mais e mais a se aproximar das classes dominadas. Isto cria um leigo muito mais participativo, um bispo que se despoja dos títulos de poder, e, mais que autoridade eclesial, ele é um pastor que está no meio do povo: senta junto, vê os problemas, discute. É o executor de um consenso que foi se formando junto com o povo. E a partir daí aparece o que é próprio deste tipo de Igreja: o círculo bíblico, onde o povo se apropria da palavra de Deus e, à luz dela, começa a discutir seus problemas de povo, de pobreza, de analfabetismo. O segundo passo é a Comunidade Eclesial de Base, que nunca nasce como comunidade, ela resulta de círculos de reflexão bíblica. A Comunidade de Base já é um grupo mais avançado que se apropria não só da palavra de Deus, mas também da catequese, grupos de jovens e outros serviços (CIC).

Perdão

Pe. Isidoro De Nadai

A vida exige respeito em todos os sentidos e, mesmo quando se perdoa, os direitos não devem ser abdicados.

Ouçõ com freqüência que é muito difícil, senão impossível, praticar o mandamento do amor, naquilo que se relaciona com o perdão e o amor aos inimigos.

E, no entanto, trata-se de mandamento explícito do Senhor: fácil ou difícil, perdoar é preciso.

O que se pode perguntar é o que significa exatamente perdoar.

E parece-me que, antes de responder diretamente à inquirição, seria importante dizer o que o mandamento não inclui necessariamente, a fim de que não se fixe a idéia falsa de que se trata de um mandamento descartável, por impraticável e até por nocivo.

Saiba-se, pois, que perdoar não quer dizer aceitar impassivelmente toda e qualquer loucura do malvado, do aproveitador, ou do malandro.

É um direito, quando não um dever, opor-se à maldade, mesmo que tal atitude acarrete alguma violência. Ao violento, que se volta contra o inocente, devem-se opor medidas eficazes na defesa deste último. Assim, por exemplo, se um pai, embriagado ou enfurecido, ameaça perigosamente os filhos ou a esposa, aquele que tenha condições de enfrentá-lo deverá fazê-lo, ainda que para isto se veja compelido a feri-lo. O filho que assim agir não se poderá culpar de infringir o quarto mandamento. Terá realizado um grande ato de caridade.

Da mesma forma, não estará pecando contra o mandamento do perdão a esposa que não mais acolher o marido que pretendesse passar com os seus os dias de semana e folgar os dias de descanso na companhia da filial. Ela tem não só o direito mas até o dever de obrigá-lo a se definir. Sua dignidade moral e a educação dos filhos podem exigir isso.

Perdoar não significa necessariamente abdicar dos seus direitos.

É perfeitamente possível pleitear na justiça seus direitos líquidos e certos, mesmo contra um parente, um irmão, ou um cônjuge, sem ferir o mandamento do amor. É evidente que isto supõe que se tenham esgotado os recursos do diálogo e da persuasão.

Perdoar não quer dizer obrigatoriamente ficar imperturbável sob a mira de todas as ofensas. Deus, afinal, não nos fez de aço. Ele nos fez de carne e de nervos...

Perdoar não significa sempre esquecer na hora a ofensa recebida. Isso depende muito do temperamento, e o perdão não é uma questão de temperamento.

Recordo-me de uma pessoa que veio se confessar, contando que estava na fila da comunhão, quando percebeu ao seu lado alguém que a havia magoado profundamente. Ficou emocionalmente tão perturbada, que não se atreveu a comungar. Observei-lhe que o descontrole emocional, em si, não a impedia de comungar. Devia mesmo comungar, pedindo ao Senhor que a ajudasse a recompor os nervos. O que ela não podia deixar de fazer era lutar e rezar para ir esquecendo a ofensa.

Voltaremos ainda ao tema, se Deus quiser.

SÓ ACOLHER

(De relacionamento e ajuda)

Prof. Mauro Martins Amatzzi



Para você ajudar o semelhante a amar mais a vida, o seu relacionamento deve começar pelo acolhimento, isto é, a aceitação da pessoa do outro, sem julgamentos, sem críticas, sem ironias, só com espírito fraterno.

Acolher significa em primeiro lugar ouvir. Ouvir com simpatia aquilo que a pessoa tem a nos dizer. Deixar falar. Facilitar a ela o processo de expressar-se. Acontece muitas vezes que isso basta como ajuda. A pessoa, conseguindo se expressar livremente, sem pressões ou medos, acaba por se ver melhor e reencontra sozinha o fio da meada de seu desenvolvimento.

O bom interlocutor para a pessoa que precisa de ajuda, é o que sabe ouvir com simpatia e inteligentemente.

te. Ouvir inteligentemente significa ouvir entendendo o mais profunda e exatamente possível aquilo mesmo que a pessoa se esforça por comunicar. O interlocutor que ouve inteligentemente, esclarece automaticamente. Quer dizer, pelo simples fato de manifestar compreensão exata e profunda do que o outro tenta comunicar, esclarece. Ajuda a ver melhor. E mantém o processo de autocompreensão em andamento.

O que entrava muitas vezes esse processo não é simplesmente a falta de oportunidade de se expressar. É o medo de se expressar. O medo da crítica, da repreensão, o medo de ser julgado. E o medo de se expressar perante o outro esconde o medo de se expressar perante si mesmo. Ouvir com simpatia significa ouvir interessando-se por aquilo que está sendo dito, não por causa do conteúdo ou do enredo do que é contado, mas por ser expressão de uma pessoa real que resolve procurar ajuda. Significa também ouvir sem julgar. Isso quer dizer que nesse momento não é hora de se criticar ou de dizer se é certo ou

errado. A própria pessoa, provavelmente, já o fez, aliás. Ou sabe fazê-lo. O problema, de qualquer modo, não está aí nesse momento. Está em ela reencontrar seus caminhos. Se você ouve sem julgar, você vai eliminando o medo.

Finalmente ouvir sem interferir. Quando a pessoa começa a falar porque precisa de ajuda, e é acolhida, cria-se um processo de auto-ajuda ou de encaminhamento espontâneo do problema. O bom interlocutor é o que cria condições para o desencadeamento do processo, mas não interfere em seu desenvolvimento. Ou interfere o menos possível.

Acolher de forma ativa, significa tudo isso. Manter um diálogo produtivo, porém onde você não interfere, mas apenas, com sua presença, facilita o processo de auto-compreensão e de decisão. Muitas vezes a melhor maneira de ajudar é não atrapalhar.

O difícil dessa maneira de ajudar está justamente em você sair da atitude comum de quem quer ajudar, que é a atitude de querer trazer a solução (como se você soubesse), de querer dar uma resposta, fazer uma intervenção que resolva o problema, dar um conselho, emitir uma opinião. Sair dessa posição e manter um diálogo útil e produtivo, não é muito fácil. Você pode cair no extremo de ficar totalmente passivo diante da pessoa, de se omitir, de sonegar ajuda.

Dentro dessa maneira básica de ajudar, o que você tem a fazer é oferecer uma compreensão interessada, o tão exata quanto possível, daquilo que a pessoa se esforça por comunicar. É desimpedir assim o processo de crescimento. Se você conseguir fazer isso, faça só isso, que basta.

— E se eu não conseguir?

— Se você não conseguir, então faça alguma outra coisa também, porque senão você estará se cmitindo.

— Você está me dando conselhos agora...

— Pois é. Veja como nem sempre é fácil fazer diferente.

CINZAS

Coronel Lagoa

No gesto de receber as cinzas, a humildade do pecador contrito e do homem justo que procura renovar-se para o bem.

A cerimônia da bênção e imposição das Cinzas, na *Quarta-feira de Cinzas*, que inaugura a *Quaresma*, por seu notável elemento sensível, tem agradado ao povo simples. Anchieta conta, em suas cartas, o gosto dos índios em receber as Cinzas.

Vem para isso a cerimônia da *Quarta-feira de Cinzas*, sacramental relacionado com a penitência cristã e que hoje não passa de um vestígio da severa ação que o bispo outrora exercia para com os pecadores públicos. Efetivamente, na sua origem, o uso litúrgico das cinzas não parece ter sido aplicado a todos os fiéis, mas somente aos que se sentiam réus de pecados graves e públicos e, por isso, submetidos à penitência pública.

Ora, a penitência pública consistia sobretudo na exclusão da participação nos sacramentos, e, de um modo especial, na Eucaristia, além de obras satisfatórias, como a oração, o retiro e recolhimento, mortificações e esmolas.

Na Sagrada Escritura, tanto no Antigo como no Novo Testamento, as cinzas foram sempre consideradas como símbolo de tristeza e de penitência. Espalhadas pela cabeça e pelo rosto, davam um aspecto lúgubre, apropriado às circunstâncias tristes da vida. *Davi* expiou, coberto de cinzas, as suas iniquidades: os ninivitas arrependidos cobriam-se de cinzas. Os fariseus fiéis às práticas exteriores da religião jejuavam, costume este que o Divino Mestre condenou pelo

que tinha de exibicionismo e vanglória.

A Igreja conservou-se fiel ao símbolo tradicional da penitência.

Vejamus a descrição da cerimônia do dia de *Cinzas*. Depois da imposição das *Cinzas* aos pecadores públicos, o clero e o povo prostravam-se por terra e recitavam em voz alta os sete salmos penitenciais; organizava-se depois a procissão, na qual tomavam parte os penitentes, descalços. De volta, eram então solenemente expulsos pelo bispo, que lhes dirigia estas palavras. *"Nós vos expulsamos do recinto da igreja por causa dos vossos pecados e crimes, assim como o primeiro homem, Adão, foi expulso do paraíso, por causa da sua prevaricação"*.

Fechavam-se as portas da Igreja: os penitentes só nela tornavam a entrar na *Quinta-feira Santa*, para receberem, solenemente, a absolvição e a Sagrada Eucaristia. Como era natural, esta cerimônia tão impressionante (da expulsão dos penitentes) constituía séria pregação para incutir nos fiéis, naqueles tempos de paixões violentas, o horror a certos pecados mais graves. Passaram-se os anos. A penitência pública começou a cair em esquecimento; já antes, muitos fiéis gostavam de se juntar aos penitentes públicos, como melhor preparação para o cumprimento do preceito pascal; assim generalizou-se a prática de impor as *Cinzas* a todos os fiéis, e a começar pelo Papa e pelo

clero, até mesmo a imperadores e reis. É conhecido o fato de o imperador *Carlos Magno* receber as *Cinzas*, com os seus cortesãos, descalço e misturado entre os fiéis.

Lembremos, agora, como o Papa celebrava outrora em Roma o dia de *Cinzas*: "Presidia o Papa, rodeado de todo o clero. Os fiéis reuniam-se no título de Santa Anastácia, situado no estreito vale entre o Palatino e o Aventino. Em primeiro lugar, o Papa distribuíra as cinzas; depois, organizava-se a procissão e começava a subir as encostas do Aventino, em direção à Basílica de Santa Sabina, onde se celebrava missa. Se ocupação urgente impedisse o Papa de sair do Palácio de Latrão (onde habitualmente morava), quando terminava a missa, um acólito embebia um pouco de algodão no azeite perfumado das lâmpadas que ardiam no altar da igreja e, ao chegar junto ao Papa, pedia-lhe a bênção e apresentava-lhe o algodão com estas palavras: *"Hodie fuit statio ad sanctam Sabinam, quae salutat te"* (hoje, a estação reuniu-se em Santa Sabina e manda-te saudações). O Papa beijava o algodão e entregava-o ao seu camareiro, para que o colocasse no caixão, debaixo do travesseiro fúnebre, quando morresse".

A recordação da morte acompanhava sempre a preparação para o tempo da penitência. Penitência e morte acompanham também a nossa *Quarta-feira de Cinzas* e os dias de nossa vida.

As indulgências

Giuseppe Grampa - Versão do italiano por Rina Ricci

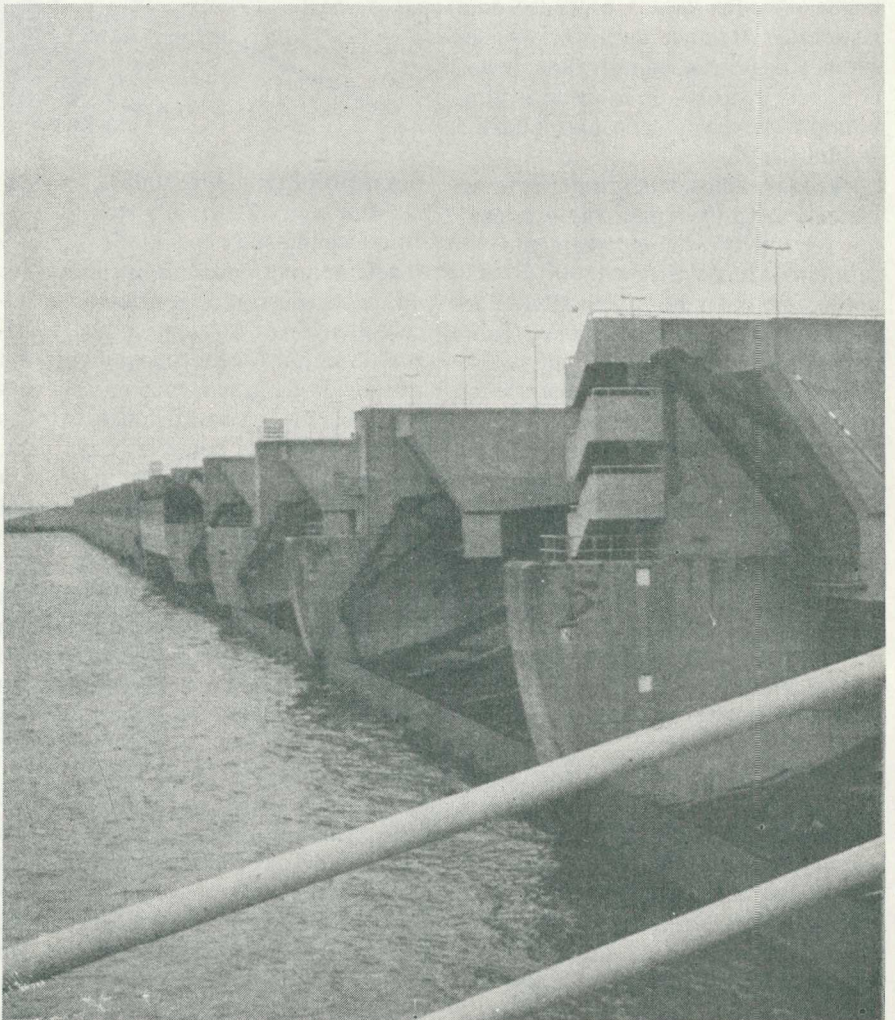
As indulgências: Quando e como nasceram; o que provocaram. Uma história intrincada, misturada de zelo, política e religião. Uma história tormentosa.

(Texto extraído de Anno Santo - Famiglia Cristiana - N.º 1, pág. 28.)

Durante séculos significaram uma punição que se infligia ao pecador arrependido para nele restaurar a plenitude da vida cristã com as "boas obras". Serviram para grandes realizações, inclusive a construção dos diques levantados contra o mar na Holanda. Porém, produziram abusos e comércios que povocaram a reação de Martinho Lutero e levaram à Reforma Protestante.

Quando se anunciou o Ano Santo surgiram duas reações: "Trata-se de uma operação comercial, para recolher fundos, depois das recentes dificuldades das finanças vaticanas". "É um gesto anticumênico. Exatamente no ano em que se celebra o quarto centenário de Lutero, trazer à baila este assunto das indulgências".

Duas objeções: a primeira do homem da rua e a segunda do intelec-

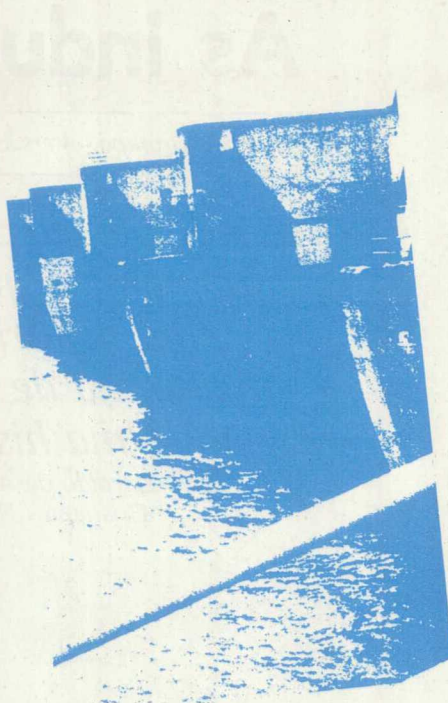


Diques com os quais os holandeses combatem há séculos o mar. Com isso conseguem terras para o cultivo. O papa Leão X concedeu em 1515 grandes indulgências a quem dava dinheiro para este fim.

tual; em ambas é evidente a incapacidade de captar a novidade do Ano Santo, também por causa de complexas vicissitudes históricas que infelizmente ainda pesam em nossos dias. Com efeito, se lermos o texto do Papa proclamando este Ano Santo extraordinário, descobriremos que se trata de uma ocasião de receber graças, isto é, de conversão e renovação no signo da Redenção. Aliás, os momentos necessários de celebração coletiva, as peregrinações, que alguém poderia teimar em ver como meios de coleta de donativos, foram pensados e organizados de forma tal que se reduzisse ao mínimo o perigo de transformar o Ano Santo num "sagrado negócio". Mas vamos proceder com ordem. Um relance na história poderia nos ajudar a compreender estas objeções difíceis de esquecer, também porque no passado não faltaram os abusos.

Encontramos pela primeira vez na história da Igreja a palavra "Jubileu", no documento de encerramento do primeiro Ano Santo de 1300, proclamado pelo papa Bonifácio VIII. Portanto, a partir do século XIV "Jubileu" indica uma indulgência solene que o Papa concede aos peregrinos cristãos que em determinados anos se dirigem a Roma para praticar algumas obras boas e visitar os túmulos dos Apóstolos. Naturalmente, isto se dava se houvesse reconhecimento dos próprios pecados e confissão com coração contrito. É o perdão mais amplo possível de todos os pecados. "Perdão não somente pleno e mais amplo, mas total".

Para entendermos a doutrina cristã das indulgências devemos recuar até os séculos passados, quando a progressiva e lenta passagem para a confissão individual faz com que a absolvição seja dada antes que o penitente tenha praticado as obras espirituais impostas pela Igreja. Sabemos que anteriormente a reconciliação e a plena readmissão na Igreja eram concedidas depois que o pecador havia feito as obras de expiação que haviam sido impostas pela Igreja. A absolvição sacramental apaga a culpa, mas ainda permanece a pena que, justamente com a prática das penitências impostas pela Igreja, era gradualmente diminuída até à extinção. Em outras palavras: o pecado apaga na alma a vida da graça e também



polui profundamente toda a existência humana, alterando a vontade, enfraquecendo sua capacidade de resistência ao mal, desorganiza nossas faculdades, desviando a orientação para o bem. A absolvição apaga o crime da culpa, acende novamente em nós a vida da graça, mas não recupera imediata e definitivamente todas as energias do homem. Para isto, respeitando os tempos e os modos da liberdade humana, é necessário um tempo adequado de purificação que se deve cumprir nesta terra, mas também antes de poder entrar na vida eterna, se a morte nos surpreende no meio do caminho. É a doutrina do "purgatório" e dos sufrágios com os quais mantemos viva a comunhão dos santos e a recíproca ajuda para poder chegar à plena visão de Deus.

Uma distinção clara de Santo Tomás nos ajudará a compreender o significado das indulgências. Ele nos ensina que cada pecado grave comporta uma dupla punição: punição eterna por causa da separação de Deus, e punição temporal por causa do apego desordenado às criaturas. Enquanto a absolvição sacramental perdoa a punição eterna e nos concede novamente a amizade com Deus, a punição temporal pode e deve ser completada por meio de uma adesão mais intensa a Cristo de forma a reconstruir em nós aquele estilo de vida cristã que qualquer pecado desordena.

As indulgências, extraídas do grande tesouro dos méritos de Cristo, são doadas pela Igreja cada vez que um cristão, por meio de obras de amor e de penitência, diminui na sua vida as exigências da vida de Cristo. Unidas às "boas obras", as indulgências eram concedidas no passado não somente por ocasião dos jubileus, mas também a quem contribuía com o próprio trabalho ou com um donativo para a construção de uma igreja. Assim, por exemplo, uma bula de Eugênio IV em 1443 concedia indulgências a quem participasse na construção da catedral de Liège, na Bélgica. Uma bula de Sixto IV em 1476 concedia a "remissão plenária", a indulgência aplicável aos mortos, a quem contribuísse na reconstrução de S. Pedro. Salientamos que o texto pontifício nada menos que duas vezes afirma que, com tal prática, não se quer minimizar o valor das orações. Pelo contrário, em 1482 a Sorbona condena a tese segundo a qual a alma do morto voa do purgatório ao céu, se for dada uma pequena oferta para a restauração de uma igreja.

Não obstante estas advertências, é certo que considerações de ordem prática passavam para o primeiro plano.

Ouçamos o historiador eclesiástico de Jongle: "Os Papas precisavam de muito dinheiro para executar seus grandiosos planos de protetores das artes e das ciências, e as indulgências traziam uma parte considerável. Em 1513, à cátedra de Pedro sobre Leão X, descendente dos Médicis, banqueiros de Florença; sempre com dinheiro curto, ele sabe obtê-lo junto aos magos das finanças daquele tempo. Os Függer, os Frescobaldi emprestam-lhe somas consideráveis, garantidas pela pregação das indulgências e pelo direito a receber por ocasião de nomeações eclesiásticas. Durante o seu pontificado a expressão *comércio das indulgências* — muitas vezes empregada inconvenientemente — bem que vem a propósito".

Para as necessidades de todos

Decerto é escandaloso este comércio de bens espirituais (as indulgências) com interesses financeiros; mas não devemos esquecer o emprego,

muitas vezes muito positivo, desses polpudos proventos. Um exemplo é o das indulgências chamadas dos diques. Os diques que protegiam a Holanda contra a invasão do mar exigiam grandes e custosos trabalhos de restauração. Carlos V da Espanha, do qual dependiam os Países Baixos, apelou para o Papa, o qual em 1515 concedeu a indulgência plenária, a mais ampla, aos fiéis que dessem uma esmola para a reconstrução dos diques. Uma terça parte do total recolhido foi dada ao Papa, que recebeu 53.455 ducados.

Outro historiador, Imbart de la Tous, escreve: "A Igreja recorreu às indulgências como único meio para restabelecer suas obras sociais. Não usou as ofertas somente para suas necessidades, mas para aquelas de todos". Assim foram restaurados catedrais, hospitais, leprosários, hospícios. Com as indulgências pôde-se ajudar o desenvolvimento econômico, construir pontes e estradas; o Papa pôde resgatar os prisioneiros, os peregrinos mantidos em Jerusalém, criar corporações e sociedades de mútuo socorro, etc.

É nesta prática, não sem desdobramentos muito inquietantes, que se coloca o "escândalo" das indulgências que contribuirá para a cisão da Igreja, com a "Reforma" luterna. Em 1517 na Alemanha setentrional proclamam-se as indulgências concedidas pelo papa Leão X para a reconstrução da basílica de São Pedro em Roma. Os fiéis que, confessados e comungados, dessem uma oferta para a grande construção de São Pedro, lucravam (na realidade, compravam) a indulgência. Para recolher as ofertas dessa indulgência foi nomeado comissário o príncipe Alberto de Brandeburgo que nesse meio tempo havia obtido a nomeação para três importantes sedes episcopais alemãs com a obrigação de contribuir com 10.000 ducados. O comissário ficava com a metade do que recebia das indulgências e assim pagava a taxa das 3 sedes. Uma situação complexa e não muito longe da simonia. Neste contexto desenvolve-se a reação do monge agostiniano Martinho Lutero.

Para compreender a atitude de Lutero na controvérsia das indulgências não devemos deter-nos somente no zelo justo do reformador que denuncia os desmandos de uma prática



religiosa subserviente a interesses do poder. Devemos considerar também a orientação teológica que Lutero havia começado a amadurecer e que se baseia na "justificação mediante a fé". Aquilo que o homem pode fazer é doar-se com plena e total confiança a Deus, que o reveste com os méritos de Cristo; uma justificação atribuída exteriormente ao homem que continua pecador, ainda que justificado. Segundo Lutero, um homem que é incapaz de escolher o bem: a natureza humana só pode pecar, as obras dos justos são pecados.

Com esta concepção de uma justificação que não renova verdadeiramente o homem, é difícil encontrar lugar para as "boas obras". Efetivamente, para Lutero o livre arbítrio é o servil arbítrio, e também depois do batismo continuamos incapazes de escolher o bem. Se assim não fosse, o homem seria o salvador de si próprio. Com maior razão não há lugar para uma Igreja que se julga ser um real instrumento de salvação para os vivos e para os mortos: para os Reformadores, esta pretensão constitui um atentado ao primado absoluto da Redenção de Cristo.

Os abusos escandalosos

Este pequeno resumo serve para dizer como a questão das indulgências é também um problema teológi-

co, no qual se chocam duas maneiras de entender as justificações, a liberdade do homem, o papel da Igreja e dos sacramentos. Mas os abusos eram realmente escandalosos e Lutero lançou-se sobretudo contra um dos pregadores das indulgências: o dominicano João Tetzel ao qual foram atribuídos, sem razão, os dois versos teutos "Wenn das Geld im Beutel klingt, eine Seele auf Himmel springt", que condensavam a sua pregação e os quais traduzimos assim, para conservar a rima alemã: "Quando na caixa a moeda soa, para o céu a alma voa". A oferta em dinheiro comprava automaticamente a vida eterna para o morto.

Numa carta ao príncipe Alberto de Brandeburgo, Lutero assim exprime suas intenções na luta contra as indulgências: "A gente simples imagina que, comprando indulgências, tem a certeza de haver ganho a bem-aventurança eterna. Quando, ao invés, nenhum ato episcopal pode dar ao homem a garantia da sua bem-aventurança, visto que sequer a graça de Deus pode dá-la, pois o Apóstolo nos pede que imploremos a salvação com temor e tremor... Por que então tirar do povo todo temor e dar-lhe uma certeza por meio destas fábulas e destas promessas enganosas? Com efeito, pretende-se que o homem se reconcilie com Deus por meio da graça das indulgências". Assim, partindo da condenação dos abusos, Lutero passa à negação do valor espiritual das indulgências e da função da Igreja na obra de conversão e de justificação. Em 1520 a bula pontifícia *Exsurge Domine* ameaça com a excomunhão e pede a Lutero que se retrate. Lutero responde com um discurso violento (*Contra a Bula do Anticristo*) e no dia 10 de dezembro de 1520 joga realmente no fogo a bula, com estas palavras: "Como tu, Papa, alteraste a santa verdade de Deus, que o Senhor te consuma, hoje, neste fogo".

Conforme auspícia o Papa, oxalá o Ano Santo — já tão longínquo dos tristes acontecimentos das indulgências que favoreceram a cisão da "reforma" protestante — possa "apressar o tempo da indizível alegria dos irmãos que vivem juntos ouvindo a voz de Cristo em seu único rebanho, tendo a Ele como único e supremo Pastor".

"J. SILVESTRE"

Maria Amélia Santos Vaz e L. F. Santoro

(Subsídio para análise do programa de televisão da Rede Bandeirantes. Útil para refletir e discutir em grupos ou comunidades eclesiais que querem ver de maneira mais crítica os programas de televisão).

"A importância do trabalho honesto que não ilude e não trai. Estou em paz com a minha consciência". Com estas palavras J. Silvestre qualificou seus quarenta e dois anos de carreira nos meios de comunicação.

Reaparecendo com a volta dos programas de auditório, este apresentador possui dois programas semanais: "Programa J. Silvestre" e "Essas Mulheres Maravilhosas", atualmente na Rede Bandeirantes. Ambos, apesar de parecerem diferentes, seguem o mesmo estilo: o da apelação ao sentimentalismo.

Entre os variados quadros do "Programa J. Silvestre" existe um chamado "O céu é o limite", onde pessoas respondem sobre um assunto que escolheram. Tudo seria muito positivo, e até mesmo educativo, se não fosse a demagogia e o convite a pessoas que apresentem algo de diferente para participarem, como no caso de Cidinha: a moça era paraplégica e respondia sobre natação. Em sua última apresentação, após ter conseguido o prêmio máximo do programa, o apresentador e toda a sua equipe encontraram a família que Cidinha não chegou a conhecer, aproveitando ainda para contar a vida da moça inteirinha, fazendo quase toda a platéia chorar. É muito comum, nesse gênero de programa, captar com as câmeras as reações dos espectadores. Pessoas apreensivas, rindo ou



chorando, fazem com que toda a atmosfera em torno do programa pareça mais natural.

Existe também um quadro chamado "Esta é sua vida", onde o apresentador chama ao palco uma pessoa do meio artístico, que finge não sa-

ber de nada, para narrar toda a sua vida. Enquanto isso, amigos do convidado aparecem para cumprimentá-lo e fazer-lhe uma "Homenagem Surpresa".

J. Silvestre tem a intenção de transmitir a imagem de pessoa boa, destemida e pronta para colaborar com todos os tipos de problemas. Isto se notou bem na ocasião da enchente que abalou Santa Catarina. Ajudando na campanha que a Rede Bandeirantes fez em favor dos flagelados, fez inúmeros discursos para agradecer a solidariedade do povo brasileiro. Por outro lado, não deixou de aproveitar a ocasião para a promoção e faturamento comercial da emissora. Todos sabemos da importância das catástrofes para a televisão, na medida em que atraem um número maior de telespectadores, justificando assim uma cobertura mais intensa.

No programa "Essas Mulheres Maravilhosas" o esquema é o mesmo. Com a aparência de querer defender os direitos da mulher moderna, o que acontece é exatamente o oposto. Existia um quadro no programa onde algumas mulheres, previamente escolhidas por um júri feminino, tinham um prazo para conseguirem um noivo em troca de um dote, que seria oferecido pelo programa como presente de casamento. Isso, apesar de ser até ingênuo, contribui para fortalecer o conceito de "mulher objeto".

Existe ainda um quadro chamado "Um homem na roda". Primeiramente são apresentadas cenas de vida do artista escolhido, que normalmente é casado. Depois, o homem fica à disposição de um júri feminino que se encarrega de bombardeá-lo com perguntas, com o intuito de fazê-lo parecer alguém que não cumpre com as obrigações do dia-a-dia de sua casa, deixando tais tarefas para a esposa; mas no final é sempre perdoado, em nome de uma felicidade que encontrou no casamento.

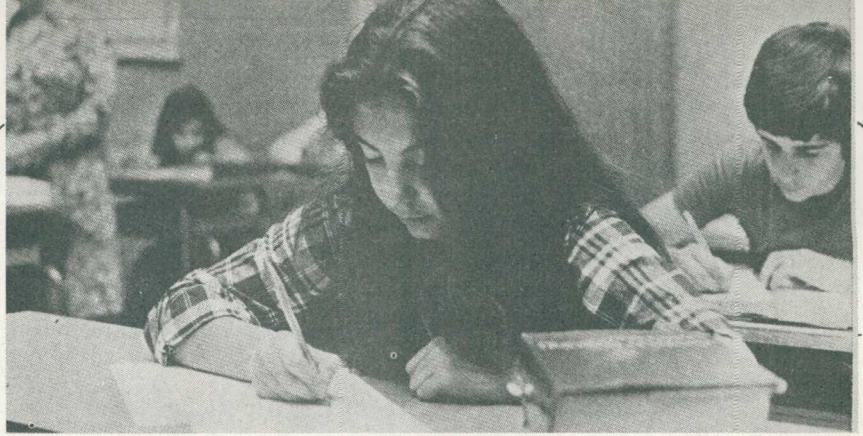
Tudo tem uma aparência muito séria e esclarecedora, mas na verdade não modifica nada, apenas contribui para reafirmar valores que aparentemente tenta combater, como, por exemplo, o machismo. Isso tudo é intencional, uma vez que seu público é constituído de famílias que o assistem em busca de diversão.

Assim, a figura do apresentador é a do homem que acima de tudo acredita em Deus, na moral e na justiça. Usa esses valores essenciais para o povo brasileiro como forma de tornar-se simpático e dizer coisas que vão de encontro às expectativas dos telespectadores. A partir daí, sendo aceito como alguém que diz "verdades", que goza de uma credibilidade junto ao público, emite opiniões conservadoras, defende valores ultrapassados e, sobretudo, assume o direito de coordenar um programa de perguntas e respostas, cuja seriedade pretende colocar-se, como o apresentador acima de qualquer suspeita.

PARA REFLETIR:

A idéia de um júri na TV não é nova. Analise o comportamento dos vários jurados que você conhece e procure responder:

1. Qual a função do júri num programa de TV? As pessoas são realmente valorizadas? Quais os critérios para formação de um júri: competência ou "qualidades artísticas"?
2. Qual a impressão que você tem do apresentador? Que elementos os produtores do programa utilizam para formar essa imagem?
3. Por que programas que apelam para o sentimentalismo, para o realato de experiências pessoais, fazem tanto sucesso na TV?



Um jogo fascinante

Ida Laura

Entre os acontecimentos estranhos que os homens do futuro século 21, ao analisarem o nosso século, certamente hão de comentar, é a maneira com que muitos países trataram seus cidadãos. Sem falar nos problemas crônicos da humanidade, como a subnutrição, existem outras colocações estranhamente importantes e que estão sendo desprezadas atualmente: trata-se da consideração do homem como ser inteligente — parece existir um horror a tudo que se sobressai, a tudo que realmente se cria, a tudo que pode elevar a espécie humana. E o pior é que os problemas mais básicos e mais cruciais, como a já citada subnutrição ou a fome, dependem diretamente da capacidade de raciocínio dos habitantes desta Terra para serem resolvidos. As modificações nas estruturas sociais que poderão mudar o curso das dificuldades são resultados imediatos da capacidade de mutação das mentes, o que no fim quer dizer: não basta arrancar um sistema de governo e substituí-lo por outro, aparentemente mais avançado. Junto com essa medida, devem vir o planejamento das necessidades e a previsão do que pode suceder com a aplicação de novas tomadas de posição. Têm-se dois exemplos claros: o primeiro dentro da própria realidade brasileira. Os ministros encarregados de diversas áreas foram incapazes de avaliar de uma maneira global várias decisões de peso. E o que se vê está aí: a represa de Itaipu servindo para muito pouco, o absurdo de empréstimos inúteis, que jamais poderiam ser pagos sem enormes dificuldades, a aplicação de recursos às cegas e uma série de atitudes que, ou foram ditadas pela corrupção e pelo interesse pessoal, ou revelam uma catastrófica falta de inteligência. Agindo através de impulsos imediatos e sem direção, o Brasil chegou quase ao caos e dele só poderá sair através da volta da capacidade de decisão racional das autoridades. O segundo exemplo está na Rússia, onde foi preciso muitas vezes recorrer a um elemento básico, como o trigo, por meio de negócios com os Estados Unidos. E nessa hora — a hora do dinheiro — esquece-se a guerra fria e a motivação ideológica. Afinal de contas, é um motivo de reflexão essa troca comercial que se faz obscuramente, enquanto no topo discute-se com agressões mútuas o problema nuclear: algum parafuso está falhando na montagem soviética, que é obrigada a recorrer ao seu maior adversário.

Felizmente, os jovens existem e poderão em tempo próximo corrigir o mundo — desde que sejam formados para isso em um sentido positivo.

O filme "Jogos de Guerra" constitui um excepcional momento do cinema, principalmente como tema, porque reafirma a supremacia do humano sobre a técnica. Escrito especialmente para a tela, tem valores essencialmente filmicos e coloca um adolescente diante de sofisticados computadores. O extraordinário é que, somente com a argúcia e um aparelho comum, o rapaz consegue penetrar nos complicados sistemas de segurança que, se acionados, desencadearão a guerra nuclear. E é só através do procedimento inteligente do personagem que se consegue evitar isso. Os jornais noticiaram há pouco tempo que a história de "Jogos de Guerra" aconteceu na realidade: aí está mais uma forte razão para se revalorizar a tão esquecida capacidade de pensar do ser humano. (Plana)

Ai de ti, Frenova, ai de ti, Piraguassu!

A Campanha da Fraternidade deve ser assumida em todas as partes do Brasil, e lá, onde quer que a vida seja aviltada, a denúncia é o primeiro passo para se chegar à justiça. A carta abaixo (redigida no Natal de 83) da Igreja de São Félix do Araguaia é uma denúncia contra as arbitrariedades e autoritarismos que desrespeitam a vida dos mais humildes, pobres e fracos que moram no escondido sertão do Brasil.

“A todo o povo da Prelazia de São Félix do Araguaia e a quantos nos acompanham na caminhada da Libertação, a Paz de Deus, nosso Pai e a força do Evangelho de Jesus Cristo.

Todos vocês são conhecedores dos fatos ultimamente acontecidos em PORTO ALEGRE (MT) e CANABRAVA (MT), por causa da fazenda FRENOVA (do *Cartório Medeiros* de São Paulo e de *Tapetes Ltda.*) e da fazenda PIRAGUASSU (dos mesmos grupos e da multinacional *Yanmar do Brasil*, *Implementos Agrícolas*). Nosso “Alvorada” de dezembro publicou, em parte, esses acontecimentos. E em breve vai aparecer um relatório completo de todos eles.

Esses acontecimentos encheram a medida das injustiças que vêm cometendo contra o povo as fazendas FRENOVA e PIRAGUASSU depois que em 1971 se instalaram na área do povoado de Porto Alegre, fundado em 1949. São treze anos de arbitrariedades e perseguição, largamente documentados: grilagem, cercando até a rua e o rio; invasão de domicílios, derrubada de moradias, despejos, espancamentos, prisões, mortes; pistoleiros contratados; polícia, políticos e Incra comprados...

Nestas últimas semanas acrescentou-se a tudo isso a atuação de mais de 30 pistoleiros, comandados pelo



famoso “velho Juca”, com os assassinatos de José Otacílio Cavalcante e de Ailton Pereira Xavier; a notícia, muito fundada, de várias orelhas humanas entregues pelos mesmos pistoleiros, como prova de outros tantos homicídios a prêmio; ameaça de morte repetida, contra lavradores sindicalizados e agentes de pastoral; a brutal intervenção de 30 policiais da PM a mando do delegado regional Inácio Túlio de Oliveira e do tenente Acir, que espancaram mais de 100 lavradores — também mulheres e crianças — em Canabrava e no entroncamento, depredaram, prenderam nove posseiros e pretenderam intimidar o povo, proibindo-o de participar da comunidade da Igreja e do Sindicato.

Ao longo desses treze anos e nestas últimas semanas também, a população, a prelazia e o sindicato, uma vez fundado, nunca deixaram de denunciar os acontecimentos à opinião pública nem de comunicá-los às autoridades competentes, pedindo sua intervenção. Infelizmente essa intervenção ou não se deu, ou se deu ineficazmente, ou se deu em favor das fazendas.

Ainda nesse mês de novembro, o Incra e o Governo do Estado entraram num acordo com as mesmas, para “limpar” de posseiros a área, em benefício dos projetos agropecuários e do Pro-álcool.

“Vossos projetos não são os meus projetos”, diz o Senhor, certamente. Muitas lágrimas e sangue vêm destilando as destilarias do Pro-álcool neste País. A iniquidade de tantas fazendas e empresas, que invadem a terra do Brasil, acobertadas e financiadas pela política oficial, clama a Deus.

“Ai daqueles que juntam para si campos e mais campos. Querem ser donos de tudo e não deixam nada para os outros?” (Is 5, 8). Neste Brasil do latifúndio, do desemprego e da fome, o capítulo 24 do livro de Jó torna-se de pungente atualidade: “Os maus mudam as divisas das terras e na terra colocam o gado que eles roubaram... Expulsam os pobres dos caminhos e todos os necessitados têm de desaparecer. Os pobres não têm o que vestir nem o que comer”.

Tocados pelo sofrimento dos irmãos de Porto Alegre e Canabrava, muitos companheiros dos patrimônios e cidades da prelazia nos unimos

a eles, nos dias 10 e 11 deste mês de dezembro, para exprimir nosso protesto e solidariedade e para juntos celebrarmos nossa esperança.

Dia 10, no cemitério de Porto Alegre, plantamos a cruz, ouvimos a Palavra e invocamos a aquele Pai verdadeiro, como Jesus nos ensinou.

Solenemente, à luz do sol e da história, diante das covas recentes, testemunhas de tanta dor e iniquidade, em nome do Deus dos pobres, Libertador dos oprimidos e único senhor da terra, amaldiçoamos as fazendas FRENOVA e PIRAGUASSU: sua ganância, sua prepotência, sua desumanidade.

Em conseqüência, dentro da jurisdição eclesiástica da Prelazia de São Félix do Araguaia, nenhum dos donos ou dos funcionários maiores das ditas fazendas FRENOVA e PIRAGUASSU poderá ser padrinho de batismo ou de crisma, nem testemunha de casamento religioso, nem noitário de festejo, nem exercer outra qualquer função eclesial pública.

Conclamamos também a todos os trabalhadores conscientes a se negarem a prestar serviços nessas fazendas amaldiçoadas.

Para sermos conseqüentes com a prática de nosso Mestre e Senhor, os seguidores de Jesus devemos saber unir à oração da nossa fé e ao canto de nossa esperança o grito profético de nossa indignação.

A celebração terminou radiante de esperança. Sempre é Advento e sempre se aproxima o Nosso Salvador. Apesar de todo pecado e de toda injustiça, o Natal acontece para os que sabem lutar e esperar, fraternos, humildes, livres. O Deus da Vida sempre vence a morte.

"Vejam estes ossos secos... Eu, Javé, vou abrir os túmulos de vocês. Vou fazer o meu povo sair debaixo da terra e darei novamente a eles terra em Israel. E todos saberão então que eu sou o Deus de vocês" (Ez 37, 11-14).

Nesta certeza, que o Espírito de Jesus garante para nós, abraça a todos, com muita amizade, seu irmão e companheiro,

*o bispo de São Félix do Araguaia
Pedro Casaldáliga*

*São Félix do Araguaia, MT
Natal de 1983"*

REZEMOS AO SENHOR

Intenções Missionárias - março 1984

Para que o Reino de Deus chegue a todos os homens é que elevamos ao céu nossos corações unidos às nossas preces, em todas as línguas.

O papa João Paulo II propõe para cada mês do ano novas in-

tenções das orações pelas missões, na oração dos fiéis.

Assim, todo o povo que reza estará ainda mais em comunhão com os irmãos que rezam nas outras partes do mundo.

INTENÇÃO MISSIONÁRIA

Para que a justiça e a evangelização marquem o progresso da África. Rezemos ao Senhor.

"O desenvolvimento exige transformações audaciosas, profundamente inovadoras. Devem empreender-se, sem demora, reformas urgentes" (Populorum Progressio, 32).

INTENÇÃO GERAL

Para que o Ano Santo extraordinário produza os frutos desejados pelo Papa. Rezemos ao Senhor.

EU? UM MISSIONÁRIO? VOCÊ ESTÁ BRINCANDO!



De fato, vários jovens que se tornam missionários reagem de forma semelhante a essa primeira sugestão.

A decisão de tornar-se missionário, padre ou irmão, vem depois de refletir com cuidado nas oportunidades de servir os outros.

Deixe-nos entrar em contacto com você sem compromisso.

Teremos a maior satisfação em dar-lhe informações de como você poderá tornar-se padre ou irmão missionário e servir a Deus numa Congregação missionária.

Escreva para:

**SECRETARIADO
VOCACIONAL
CLARETIANO**

*Rua Martim Francisco, 656
01226 - São Paulo, SP*

AMAR E ACOLHER

Maria do Carmo Fontenelle

QUERIDA AMÉLIA:

- É muito

triste separar uma família

Lie e reli a sua carta-lamento. Obrigada pela confiança. Há casos em que o divórcio parece ser a solução, mas há muitos que desistiram de lutar e hoje se arrependem. Que Deus me ajude a encontrar as palavras que devo dizer a você, numa situação tão difícil!

Você está agindo acertadamente ao procurar uma solução logo no início dos conflitos. Ele também tem amor aos filhos! Você não estaria exigindo demais do Tônico? Se ele não faz declaração de amor o tempo todo, não significa que esteja desapaixonado.

Experimente fazer duas perguntas quando ele chegar a casa, mais frio e pouco carinhoso: — “Meu bem, fiz alguma coisa que o aborrecesse?” Ou se a resposta for negativa: — “Posso então fazer alguma coisa por você?” Se não, deixe-o descansar. Lembre-se de que ele é humano e não um santo perfeito.

É preciso ter grande paciência. Não ceda ao impulso de desistir logo depois da primeira discussão. Muitos casais resolvem se separar precipitadamente. Mas em alguns casos acabam percebendo que o casamento que mais lhes convém ainda é o seu, e podia ser salvo se eles tivessem querido e se esforçado.

Com muita freqüência a mudança de companheiro não elimina o problema básico e muita gente diz: — Se soubesse então o que sei hoje, teria me esforçado mais para conservar o meu casamento.

Seja a primeira a mudar. Muitos casais ficam apegados a um comportamento rotineiro e perdem o entusiasmo para mudar. A dificuldade está em vencer o orgulho. Mudar é admitir que errou. Mas, se você tomar a iniciativa corajosa de começar de novo, agindo diferente com o mesmo marido, poderá quebrar o enguiço e derreter o gelo...

Uma mulher se queixava a um Conselheiro de Casais: — “Meu marido e eu jamais discutimos. Simplesmente não temos qualquer relacionamento. Ele vem do trabalho, janta, vê televisão e vai para a cama. Há anos que procede assim.

— A senhora o ama? — perguntou o psicólogo.

— Sim! — respondeu com lágrimas nos olhos. — Mas tenho a certeza de que ele não me ama, senão não seria tão indiferente!

O médico perguntou então:

— Por que é que pensa que ele vem todas as noites para casa em vez de passar o tempo com outras pessoas? Talvez ele esteja à espera de que um dia aconteça algo diferente da sua parte que faça renovar o amor que os uniu um dia, quando se casaram. O que aconteceria se, depois do jantar, a senhora pusesse uma roupa sexy e se enroscasse ao lado dele no sofá?

— Ele riria de mim!

Alguns dias depois, o médico recebeu uma carta da senhora: — “Sabe de uma coisa? Ele não riu!”

É isso! Cultive a humildade. A obrigação de estar sempre certa pode ser o receio de perder o controle. Mas se você não admitir nunca estar errada, não conseguirá tolerar o amor. Muitos dos bem casados têm que aprender a dizer muitas vezes, “me desculpe”, porque duas pessoas que vivem juntas acabam por entrar em atrito. Se você não quiser magoar o seu parceiro, peça desculpa.

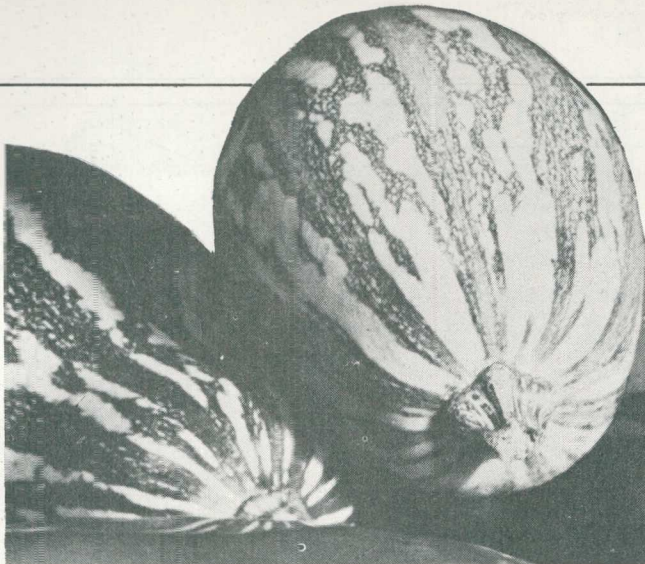
Alguns dos melhores casamentos que conheço são constituídos por duas pessoas muito diferentes; mas, tolerando-se uma à outra, no fim se adaptam ou não ligam aos fatores de irritação.

Uma pessoa disse: “Quando passeio na praia para ver o pôr-do-sol não fico reclamando: Um pouco mais de cor de laranja à direita, ou quer diminuir a cor púrpura lá de trás? Não. Eu admiro os ocasos sempre diferentes, tal como se apresentam”. Faríamos bem em agir desse modo com as pessoas que amamos, aceitando-as como são. Fazemos tanta exigências, querendo tudo à nossa moda! Esquecendo-nos de que somos dois no comando da vida familiar.

Nas últimas férias, encontrei uma linda criança, o Gabriel, anjo louro, de olhos verdes-acinzentados! Apesar da beleza dos cachinhos louros e dos três aninhos, ele é... um refinadíssimo MACHÃO! Ele diz: “A mulher é mais fraca do que o homem. Quando os dois discutem, a mulher acaba sempre chorando, enquanto o homem nunca chora!” (Viu? Eles prestam atenção ao que está acontecendo e tiram suas conclusões!)

— Querida Amélia: Procure ser forte, inclusive para dar bom exemplo às crianças e mostrar-lhes que o amor é coisa boa e não vive de discussões nem choro, mas de muito carinho, ternura e compreensão!

NOTA: — O mês de março é o mês de São José, o grande membro da Sagrada Família. Faça orações a ele para que ajude a união da sua família. Um abraço!



Sopa gelada de abóbora

(Entrada)

1/2 xícara de cebola picada
3 cebolinhas verdes
2 cubinhos de caldo de galinha Knorr
3 1/2 xícaras de água fervente
2 xícaras de abóbora madura cozida e amassada
Sal e pimenta ao paladar
1/2 xícara de leite
2 tomates cortados em rodela bem finas
Creme de leite fresco batido.

Cozinhe lentamente a cebola e a parte branca das cebolinhas, em 1 1/2 xícara de caldo. Reserve a parte verde. Acrescente o caldo restante, tempere com sal e pimenta ao paladar. Passe pelo liquidificador juntamente com abóbora. Acrescente o leite e bat novamente. Leve à geladeira por algumas horas, até que a sopa esteja bem gelada. Coloque em taça de consomê e faça flutuar uma rodela bem fina de tomate sobre cada taça. Enfeite com um pouco de creme de leite e salpique com a cebolinha verde picada. Dá 8 porções.

Pão de abóbora

750g de abóbora madura
300g de açúcar

50g de fermento Fleischmann
200g de margarina
1 quilo e 400g de farinha de trigo
1 xícara de leite
1 colherinha de sal
3 ovos inteiros.

Cozinhe a abóbora e passe pela peneira. Em separado, dissolva o fermento no leite morno, junte 100g de açúcar, 200g de farinha de trigo e, por último, a abóbora. Misture tudo muito bem, cubra com um pano limpo e deixe crescer em lugar tépido. Crescida a massa, junte-lhe os ovos inteiros, a margarina derretida, o sal e o resto do açúcar. Junte também, aos poucos, o restante da farinha e sove a massa até levantar bolhas. Faça os pães, modelando ao gosto. Coloque-os na assadeira untada, deixe-os crescer novamente, pincele-os com 2 gemas misturadas com uma colher de leite. Pulverize-os com açúcar cristal e leve-os ao forno quente.

Sopa de aveia

(Simples, nutritiva e saborosa. Experimente!)

6 colheres de aveia
1 colher de manteiga
1 cebola pequena
Sal ao paladar.

Comece por fritar a aveia na manteiga, até dou-

rar, e junte com a cebola repicada. Cubra com água ou caldo de carne e deixe ferver por uns 30 a 40 minutos.

NOTA: — Tem um sabor diferente que vale a pena experimentar.

Salada de feijão com maionese

(É isto mesmo.

Uma delícia diferente)

2 xícaras de feijão grão cozido
1/4 de xícara de aipo (sal-são) picado fininho
1/4 de xícara de pickles picadinho
1 colher de alcaparras cortadas
1 cebola picada fininho ou ralada
2 ovos cozidos em fatias
1/2 colherinha de sal
1/4 de colherinha de pimenta vermelha
1/4 de xícara de maionese.

Escolha feijão tipo grão e comece a cozinhar em água já fervendo, para conservar os grãos inteiros. Logo que cozinhar, escorra toda a água e misture todos os ingredientes. Revolva várias vezes, para que fique todo distribuído por igual. Leve à geladeira e sirva sobre uma camada de alface picada, enfeitando com fatias de ovos cozidos reservados. Sirva com pão e fatias de salaminho.

Sopa de feijão branco

(Entrada)

2 latas de feijão branco (ou 6 xícaras de feijão branco cozido)
4 xícaras de água
2 cubinhos de caldo de galinha Knorr
2 alhos-porós, cortados em rodela
6 fatias de tocinho

defumado, em pedacinhos fritos.

Escorra o feijão enlatado ou cozinhe o feijão fresco, depois escorra o líquido. Misture esse líquido com os cubinhos de caldo de galinha e o alho-poró. Deixe cozinhar até que o alho-poró fique bem macio. Junte os grãos de feijão cozido e aqueça bem. Salpique com os pedacinhos de tocinho frito. E sirva quentinha. Dá 4 porções.

Sopa Juliana

(Entrada - Sopa famosa)

Legumes variados: batatas, batata-doce, nabos, cenoura, cará, mandioca, alho-poró e 1/2 repolho, tudo cortado bem fininho.

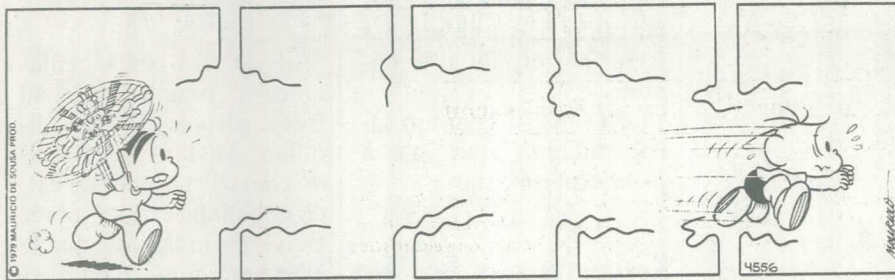
Refogue tudo em um pouco de manteiga e vire dentro de um bom caldo de carne a ferver, deixando no fogo até que todos os legumes fiquem cozidos. Se quiser juntar couve, pique bem fininho e junte à sopa fervendo um pouco antes de servir. (Receita de um livro muito antigo.) Mas o sabor não envelhece.

Salada de queijo e uvas

(Entrada)

Folhas de alface
2 xícaras de queijo tipo suíço, cortado em cubinhos
1/2 quilo de uva Itália
1/2 xícara de nozes
1/2 xícara de maionese Hellmann's.

Coloque num prato de vidro as folhas de alface. Ao redor, sobre elas, o queijo cortado em cubinhos, depois as uvas e, no centro, as nozes. Sirva a maionese separadamente.



O PATO (CIÇA)



— Acho que entendo esta escultura: me lembra que devo mandar mantimentos para os pobres do nordeste.



A Palavra de Deus na Liturgia Eucarística

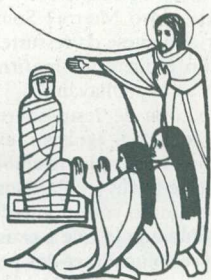
Vítor Pedro Calixto dos Santos, cmf

Reflexões sobre a Palavra de Deus.

Breves comentários para auxiliar os fiéis cristãos a meditar e refletir em suas casas os textos bíblicos a serem proclamados e explicados nas missas dos domingos e dias santos e para maior participação na liturgia eucarística.

4º DOMINGO DA QUARESMA — 1/4/84

LUZ PARA TODO AQUELE QUE NÃO VER



1ª LEITURA: *1Sm 16,1b.6-7.10-13a*: Nesta narração da unção de Davi (há outras: *2Sm 2,4; 5,3*) importa observar que Davi é especialmente eleito por Javé; Deus está com ele e lhe dá seu espírito (16,18). Deus não olha para a aparência exterior, mas para o interior. De seu servidor, espera um coração desarmado. (Cfr. *2Sm 7,8; Sl 78 (77), 70; 89 (88), 21*).

2ª LEITURA: *Ef 5,8-14*: Quem conheceu a luz de Cristo, vê o mundo sem Deus como trevas, e

quem vive nestas trevas, ainda não despertou para a vida que Deus lhe quer proporcionar. Os efésios, por sua conversão, romperam com uma existência pagã; devem lembrar-se de que pertencem à luz, não às trevas.

EVANGELHO: *Jo 9,1-41*: Jesus cura um cego, mas o resultado que importa mesmo é a profissão de fé: ver Deus em Jesus Cristo. Na narração, desenha-se um duplo gráfico: uma linha de fé ascendente, no caso do cego, e a linha descendente, dos judeus, especialmente os fariseus que negam redondamente o fato da cura.

COMENTÁRIO: Através das leituras bíblicas, a liturgia deste domingo coloca-nos diante de Jesus Cristo, "luz do mundo", isto é, aquele que manifesta a luz da verdade sobre nossa existência. Quem opta pela verdade e a prática, sabe disso. Quem adere à mentira e à discriminação, se esquia da luz que é Jesus Cristo, pois Ele torna clara uma vida viabilizada pela carência de sentido.

Que pensamos nós de Jesus Cristo? Vemo-Lo apenas como um homem extraordinário, um profeta, um condutor de povos, um milagreiro? Ou vemos Nele o "Filho do Homem" (*Jo 9,35*) que, para nos tornar cõscios de nossa missão, usa um estilo muito próprio, o Evangelho? Para o cego de nascença Ele "é um Profeta" (*Jo 9,17*). A imagem que temos de Jesus Cristo há de refletir-se no nosso modo de viver.

Desta maneira, Jesus Cristo deve ser o critério que norteia nossas ações, nossa opção fundamental.

É nesta perspectiva que devemos ler a história do cego de nascença que não esconde a obra de Deus-Pai realizada nele através de Jesus Cristo; ele quer dar testemunho da verdade. Por outro lado, os fariseus usam de todos os meios possíveis para encobrir seu testemunho.

Observemos também que o cego de nascença leva tempo para chegar à madura profissão de fé. Mas através de Jesus aprendeu a proclamá-Lo na resistência ao ambiente incrédulo (*Jo 9,28-38*). Não podemos nos contentar apenas com o batismo. Nossa fé é para o mais. E crescerá na medida em que, de modo permanente, nossa vida for colocada à luz de Jesus Cristo. Trata-se portanto de assumirmos um compromisso ético de amor e serviço à humanidade, que suscite o redescobrir de uma educação capaz de fazer-nos enxergar aquilo que não conseguimos com nossos olhos físicos. Neste sentido, a visão não é um problema meramente físico e individual. O cego físico, quando amado e orientado, percebe muito mais da realidade do que o vidente que, pelo seu individualismo ou pela opressão que pratica, não consegue enxergar as verdadeiras dimensões da existência humana. Ver ou não ver é, assim, um problema comunitário. Nós vemos juntos. Porém, podemos nos tornar cegos juntos também.

Oxalá tudo isto seja um sinal que oriente nossa caminhada.

5º DOMINGO DA QUARESMA — 8/4/84

RESSURREIÇÃO E VIDA: SINAIS DA PRÁXIS LIBERTADORA



1º LEITURA: *Ez 37,12-14*: Explicação da visão dos ossos revivificados. Israel está mais morto que vivo. Deus o há de revivificar, para levá-lo de volta à sua terra.

2º LEITURA: *Rm 8,8-11*: Pelo batismo, o cristão é assumido no mistério da morte e vida do Cristo. Quando o homem só vive seu próprio "eu", ele fica carne perecível e não agrada a Deus. Mas, assumido em Cristo, recebe o Espírito, que ressuscitou Cristo dos mortos, o Espírito que nos faz viver

para a justiça e dá vida aos corpos mortais.

EVANGELHO: *Jo 11,1-45*: Diante da morte de Lázaro e sua própria morte, Jesus nos ensina que Ele é "a Ressurreição e a Vida". Não nos basta pensar em ressurreição segundo o conceito de Marta e os judeus piedosos, mas devemos aceitar a presença da realidade Jesus Cristo.

COMENTÁRIO: Jesus faz o sinal pelo povo que o rodeia (*Jo 11,42*). Todas as circunstâncias são reais: o lugar, a distância de Jerusalém, o nome do morto, o das irmãs, o tempo que faz que morreu, o mau odor, a presença dos judeus, etc. Estes pormenores poderiam ser desmentidos se não fossem históricos. A autenticidade da narração, a ausência de comentário quando Lázaro se apresenta vivo (*Jo 11,44*) e a aceitação do fato por parte dos inimigos (*Jo 11,47*) confirmaram a realidade histórica. Os sinais do ministério de Jesus, na Judéia, não entram no marco literário dos Sinóticos, que se ocupam de outras duas ressurreições: a da filha de Jairo (*Mc 5,35-43 = Mt 9, 18-26 = Lc 8, 40-56*) e a do filho da viúva de Naim (*Lc 7, 11-17*).

O sentido soteriológico do sinal se encontra nas palavras de Jesus a Marta: "... Eu sou a ressurreição e a vida..." (*Jo 11,25*). Jesus pretende, com o sinal, mostrar que é enviado do Pai para dar vida nova aos homens. Por isso, cada um dos episódios do 4º evangelho responde ao objetivo geral da vinda de Jesus à terra. Se o sinal prova a missão divina de Jesus e seu poder divino, revela também seus sentimentos de compaixão (não dó), de amizade e de calor humano (*Jo 11,35*).

Porém, seu domínio sobre a sensibilidade é perfeito (*Jo 11,6.14*). Tudo está subordinado ao fim pelo qual o Pai o enviou ao mundo: ser presença. E ser presença significa fazer história, participar intensamente daquilo que nos propõe o cotidiano.

Este ano, a Campanha da Fraternidade chama a atenção para a preservação da vida.

Como propor a vida quando muitos morrem de fome, encurralados pela marginalização? Daí o clamor da Igreja: "Para que todos tenham vida". A vida só tem sentido quando é permeada por uma opção fundamental progressiva, histórica, irreversível, universal, única e inevitável que suscite uma práxis libertadora de tudo aquilo que significa obstrução para que a vida se faça. É preciso que o homem, cada um de nós se dê conta de que propor a vida é assumir a história, isto é, estar vigilante para a manifestação dos sinais de morte, lutando contra os mesmos, a fim de que a vida possa surgir. Só é capaz de defender a vida aquele que percebe a presença daquele que disse: "Eu sou a ressurreição e a vida" (*Jo 11,25*). Portanto, querer a vida, é estar vigilante e esta atitude supõe a aceitação de alguém: Jesus Cristo.

JESUS, EXEMPLO DE OBEDIÊNCIA, SERVIÇO E HUMILDADE



1ª LEITURA: *Is 50, 4-7*: Trata-se do 3º canto do Servo de Javé, no qual o Servo é visto como o perfeito discípulo, o profeta fiel, que não teme a adversidade e a perseguição, pois ele está do lado de Deus.

2ª LEITURA: *Fl 2,6-11*: Paulo quer nos mostrar a prontidão do Filho de Deus em se tornar um servidor de todos, abraçando a causa dos mais pequeninos e, conseqüentemente, morrendo na cruz por eles.

EVANGELHO: *Mt 26, 14c-27.66*: Ao assumir a causa dos pobres, Jesus tem a morte como resultado de sua práxis libertadora. É o grande momento glorioso da humanidade: uma vida doada pela sua redenção. É a morte mais verdadeira que jamais alguém morreu.

COMENTARIO: As leituras bíblicas de hoje nos dão seus testemunhos sobre Jesus, como Filho preexistente de Deus, mas que, concomitantemente, se aniquila desde a concepção até a cruz. Mostram, pois, o itinerário de Jesus (fez-se obediente e humilhou-se) em roteiro inverso ao de Adão (fez-se desobediente e enalteceu-se). Jesus, que hereditariamente era Deus, não se afeiçoa à sua divindade, não faz esnobismo de sua divindade em detrimento de quem quer que seja. Ele vive como homem que sente fome, sede, dor, alegria, tristeza, chora, tem seus amigos, se alimenta do que lhe der, sofre tentações, ama e quer ser amado, sente necessidade de rezar, se insere na história de um povo oprimido pela lei romana, pela mentira, pela exploração e cegueira dos donos do poder, compartilha a vida, as necessidades e vicissitudes dos mais pequeninos desse povo. Por isso, torna-se um servo e oferece a sua divindade como serviço a todos com tudo o que isto implica; em outras palavras, Jesus propõe a crença em sua divindade através de sua forma aniquilada, é o tempo de Jesus, em que Ele toma para si a causa de um povo oprimido, conseqüentemente sofrendo, e a leva a seu ápice: a morte na cruz, passando pela obediência ao Pai. Conheceu o "sucesso" — sua entrada triunfal em Jerusalém —, mas sua opção era outra. Destarte, Jesus ultrapassa os limites de interpretação da lei e revela o novo valor do homem e o valor religioso de Deus. Neste sentido, a morte de Jesus ganha seu real significado, é o resultado de uma luta sustentada contra a escravização do homem, conseqüência lógica da práxis libertadora que Ele empreendeu. É um acontecimento único, solidário e criador de solidariedade e se multiplica a cada vez que um inocente é vítima da corrupção, da injustiça, da mentira e da exploração entre os homens. Desta maneira, a morte de Jesus só pode ser entendida na correlação da história de seu tempo e de seu povo; é, assim, forte convite para nos engajarmos em favor daqueles que são oprimidos e explorados e nos mostra que o verdadeiro sentido da libertação não se restringe apenas a uma libertação individual física, financeira ou política, mas é uma realização comunitária. Na cruz, pois, Jesus consagra sua caminhada.

O AMOR É MAIS FORTE QUE A MORTE



1ª LEITURA: *At 10,34a.37-43*: O ensinamento dos Apóstolos se fundamenta no fato de que Deus-Pai ressuscitou o Filho. Também esta deve ser a base de nossa fé e esperança. Jesus vive, e Deus o constituiu juiz dos vivos e dos mortos, mas é também o salvador para todo aquele que Nele crer.

2ª LEITURA: *Ci 3,1-4*: O que somos feitos pelo batismo, devemos sê-lo em nosso dia-a-dia. Mas o batismo transcende nossa vida no mundo: antecipa a vida sem

morte, com o Cristo ressuscitado, escondida em Deus:

EVANGELHO: *Jo 20,1-9*: A narração mostra Pedro e João desolados, junto ao sepulcro vazio. Aonde teria ido o Mestre? Somente quem tinha convivido com Ele podia aceitar a hipótese da ressurreição, pois Ele a havia prometido. E Jesus mesmo é quem vai reafirmá-la diante dos discípulos e das mulheres que o acompanhavam.

COMENTARIO: Proclamamos hoje a vitória de Jesus sobre seu maior inimigo: o pecado. O que existia era idolatria, egoísmo, exploração e empobrecimento do povo judeu. Jesus se insere neste ambiente e consegue formular de novo a profissão de fé (Deus — Pai Nosso e único) fazendo sua mensagem entrar em confronto com o mundo ao qual se dirige. Destarte, Jesus rompe com tudo aquilo que é causa de empecilho para a instauração do Reino. Ao se compadecer dos pequeninos e ao denunciar (sem perder a ternura) a exploração do invasor, Ele quer mostrar que todos têm lugar em seu Reino na medida em que Deus passa a ser a opção fundamental de cada pessoa. Não basta ser pobre para ser salvo, é preciso, fundamentalmente, amar o próximo e superar o círculo vicioso do revanchismo amargo. Implantar a justiça, pois, não é destruir o autor da injustiça, mas sim libertá-lo de sua vontade destrutiva que lhe permitiu ir contra a solidariedade humana. Porque a vivência do amor passa pela denúncia, pela crítica, mas supõe, como critério interno, a ternura. Jesus não foi um homem neutro, pacifista que evita os conflitos sob o pretexto de uma caridade sentimentalista, tampouco foi um guerrilheiro, ainda que criticara Herodes e os chefes políticos que se faziam chamar benfeitores, mas dominavam em vez de servir. Entre os homens de sua época, não ocupa um lugar no meio — diágame, em cima do muro — nem é extrema-direita, nem extrema-esquerda. Jesus a seu modo foi um extremista, porque viveu o amor que se vive até a morte na cruz. Nunca um homem amou tanto os homens e, sem dúvida, ganhou tantos inimigos porque criticou e denunciou todo o mundo. Desde os pequeninos, passando pelos diversos grupos que disputavam o poder, até os donos do poder. A todos, Jesus, ao ressurgir, mostrou que nada é mais perigoso, nem mais exigente, nem mais forte que o amor. Vista desta maneira, a ressurreição de Jesus, que exige um engajamento na história real e concreta dos homens, mostra-nos o valor do seu testemunho pela justiça e pela verdade e nos orienta na compreensão do seu verdadeiro significado norteado pelo Espírito Santo para que nosso compromisso seja prudente e responsável.

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DA SEMANA

Dia 2 de abril — 2ª-Feira: 1ª Leitura *Is 65,17-21*, Evangelho *Jo 4,43-54*; **Dia 3** — 3ª-Feira: 1ª Leitura *Ez 47,1-9.12*, Evangelho *Jo 5,1-3a.5-16*; **Dia 4** — 4ª-Feira: 1ª Leitura *Is 49,8-15*, Evangelho *Jo 5,17-30*; **Dia 5** — 5ª-Feira: 1ª Leitura *Ex 32,7-14*, Evangelho *Jo 5,31-47*; **Dia 6** — 6ª-Feira: 1ª Leitura *Sb 2,1a.12-22*, Evangelho *Jo 7,1-2.25-30*; **Dia 7** — Sábado: 1ª Leitura *Jr 11,18-20*, Evangelho *7,40-53*; **DOMINGO: Dia 9** — 2ª-Feira: 1ª Leitura *Nm 21,4-9*, Evangelho *Jo 8,21-30*; **Dia 10** — 3ª-Feira: 1ª Leitura *Nm 21,4-9*, Evangelho *Jo 8,21-30*; **Dia 11** — 4ª-Feira: 1ª Leitura *Dn 3,14-20.91-92.95*, Evangelho *Jo 8,31-42*; **Dia 12** — 5ª-Feira: 1ª Leitura *Gn 17,3-9*, Evangelho *Jo 8,51-59*; **Dia 13** — 6ª-Feira: 1ª Leitura *Jr 20,10-13*, Evangelho *Jo 10,31-43*; **Dia 14** — Sábado: 1ª Leitura *Ez 37,21-28*, Evangelho *Jo 11,45-56*; **DOMINGO: Dia 16** — 2ª-Feira: 1ª Leitura *Is 42,1-7*, Evangelho *Jo 12,1-11*; **Dia 17** — 3ª-Feira: 1ª Leitura *Is 49,1-6*, Evangelho *Jo 13,21-33.36-38*; **Dia 18** — 4ª-Feira: 1ª Leitura *Is 50,4-9a*, Evangelho *Mt 26,14-25*; **Dia 19** — 5ª-Feira SANTA: 1ª Leitura *Is 61,1-3a.6a.8b-9*, 2ª Leitura *Ap 1,5-8*, Evangelho *Lc 4,16-21*; 6ª-Feira SANTA: 1ª Leitura *Is 52,13-53,12*, 2ª Leitura *Hb 4,14-16*; 5,7-9, Evangelho *Jo 18,1-19.42*; — Sábado santo (vigília pascal): **DOMINGO DE PÁSCOA: Dia 23** — 2ª-Feira: 1ª Leitura *At 2,14.22-32*, Evangelho *Mt 28,8-15*; **Dia 24** — 3ª-Feira: 1ª Leitura *At 2,36-41*, Evangelho *Jo 20,11-18*; **Dia 25** — 4ª-Feira: 1ª Leitura *At 3,1-10*, Evangelho *Lc 24,13-35*; **Dia 26** — 5ª-Feira: 1ª Leitura *At 3,11-26*, Evangelho *Lc 24,35-48*; **Dia 27** — 6ª-Feira: 1ª Leitura *At 4,1-12*, Evangelho *Jo 21,1-14*; **Dia 28** — Sábado: 1ª Leitura *At 4,13-21*, Evangelho *Mc 16,9-15*; **DOMINGO: Dia 30** — 2ª-Feira: 1ª Leitura *At 4,23-31*, Evangelho *Jo 3,1-8*.

ORAÇÃO À VIRGEM PASTORA

Severiano Rodrigues, cmf - Versão livre do espanhol por Pe. Elias Leite, cmf

Meiga Pastora dos rebanhos de Deus,
me encontraste enfim, eu sei,
— e não duvido mais que me buscavas —
precisamente quando a minha ferida
reclamava cura.

Uma das cem.

Aquela de que o Bom Pastor lamentava a fuga.
Pois a tal ovelha desgarrada tem o meu próprio nome
com a agravante ainda
de haver rejeitado os afagos do teu cajado.

Em teu regaço estou,
manchando tuas vestes com o sangue
de todas as minhas feridas.

Porque toda és ternura e espinho olvidas,
tuas mãos benditas encontraram como pegar
o dilacerado ser.

Dos teus olhos e mãos
a bondade se expande em cores macias.
E sigo balindo, pois embalando me segues.
Vê, bem fundo me ficou um espinho
e vai ser preciso rasgar a lã
— samaritana divina —
e chegares até o coração...

Pegureira das malhadas celestes
com os olhos fechados confesso-te o meu desvio...

Foi ao chegar ao outeiro,
no escalar sua encosta orvalhada,
decidi tomar outros rumos,
buscar ilusórias pastagens!

Confesso que ouvi teus apelos,
teus silvos e eias, no vento...

Mais forte, porém, me gritava no peito
a ânsia do novo, a fascinante aventura.
Até me pareciam diferentes sol e ares mais puros
quando, quebrando caminhos,
perdi de vista tua figura pequena...

E... como traquinava, livre dos teus olhos vigilantes!

Em outras pastagens, por ínvios macegais andei,
busquei desalterar-me em águas outras duvidosas.

Outras paisagens coloriram-me os olhos
no contraste à branca lã que me vestia pura, e...
julguei-me livre! As mil algemas espedaçadas.

Galguéi alcantilados montes
cujos penhascos cortavam feito facas
e vi nos fundos vales em limo as águas
que refletiam a minha imagem e meus desgostos...

Ali me desandei
e quase acabou em trágico a aventureira fuga...



Bem sei que escutaste meus balidos
e tuas mãos de seda se enfiaram entre os espinhos...

Envergonhado estou,
olhos e alma escorrendo pelo chão.
Pensaste-me as feridas com o mimo dos teus dedos,
esquecendo-te por momentos
das noventa e nove do rebanho todo.
Tenho certeza de que me levarás contigo
— assim nos braços como me tens agora —
de volta ao redil e aos bons pastos brandos
e darás macia cama a tão rebelde ovelha...

Pastorzinha de amor e sonhos feita,
não contes nada ao Bom Pastor, teu filho!
Guarda em segredo, cá entre nós somente,
e te prometo fidelidade aos teus apelos...

ÁLCOOL E DROGAS NÃO COMBINAM

Donald Lazo (Diretor da REINDAL)

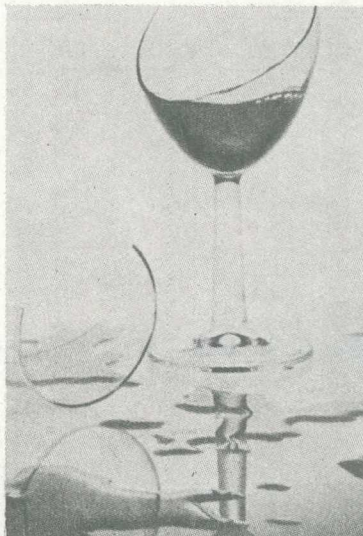
Hoje de manhã recebi um telefonema da esposa de um alcoólatra que se tratou na nossa Chácara oito meses atrás. Ela estava desesperada, contando que ontem ele havia voltado a beber "e ficou quase doido", quebrando vidros, pratos e móveis em casa e jogando a filha repetidas vezes contra a parede até que ela e a mãe conseguiram fugir de casa.

Perguntei a ela se o marido havia seguido nossos conselhos, integrando-se a algum grupo de Alcoólicos Anônimos. Lembrei a ela que, na última palestra que faço para nossos pacientes antes de dar-lhes alta, explico que, ao sair da Chácara Reindal, não devem pensar que já foram tratados e sim que seu verdadeiro teste — o de não voltar a beber — estava para começar. Acrescento que *eles são os únicos responsáveis* pela manutenção de sua saúde e sobriedade e que deveriam dar prioridade a três coisas: (1) a prática do programa de crescimento espiritual/emocional conhecido como os Doze Passos sugeridos por Alcoólicos Anônimos; (2) o ingresso em alguma organização de ajuda mútua e (3) o afastamento de todo medicamento que altere o humor. Devo explicar que aqui, na Chácara Reindal, não tratamos aqueles raros casos de alcoólatras que também são doentes mentais e precisam de medicamentos psicotrópicos. Quando deparamos que temos um paciente nessa categoria, ele é encaminhado para uma clínica psiquiátrica.

A esposa, aflita e chorando, me respondeu que o marido havia começado a assistir a reuniões mas havia desistido após algumas semanas "porque sentiu que não precisava mais". Quando perguntei se ela o havia incentivado a voltar ao grupo, ela me respondeu que não parecia necessário: "Ele estava tão bem".

Ela continuou: "Se bem que, ultimamente, ele tem-se mostrado bastante nervoso e irritado e disse-me, em várias ocasiões, que estava considerando voltar ao grupo".

Não precisava ela dizer mais na-



da, pois já era possível adivinhar o que fatalmente havia acontecido. Por não estar praticando o programa dos Doze Passos e usando a organização de ajuda mútua para ajudar outros alcoólatras, ele começou a sentir-se nervoso. (Muitas vezes demora um ano ou mais para o sistema nervoso voltar a seu estado normal.) Naturalmente, começamos a pensar na bebida, lembrando-se de que o álcool sempre o havia acalmado em circunstâncias semelhantes no passado. Contudo, sabia, através da educação que nós lhe havíamos dado, que jamais poderia voltar a ingerir uma bebida alcoólica sem reativar a sua dependência. Deve ter concluído que existem certos comprimidos que também acalmam e, esquecendo o que lhe havíamos ensinado a respeito, certamente raciocinou que comprimidos não são álcool. Além do mais, são prescritos por médicos e portanto não podem ser prejudiciais. Sua esposa me confirmou que ele havia procurado um médico e, sem dizer-lhe que era alcoólatra, descreveu seus sintomas: irritabilidade, nervosismo, etc. O médico receitou-lhe uns calmantes e ele passou a tomá-los, despertando de novo a sua dependência química e levando-o, mais uma vez, ao copo.

Os medicamentos que alteram o humor podem ser valiosos na desintoxicação de alcoólatras, durante os

primeiros 3 ou 4 dias. Tornam este breve período, de extrema agitação, mais cômodo. E como eles têm um efeito similar ao do álcool no sistema nervoso central, servem como substituto e evitam as perigosas convulsões e o perigosíssimo estado de *delirium tremens*. Mas estas drogas — sobretudo os tranqüilizantes menores (Valium, Librium, Psicosedin, etc.), barbitúricos e hipnóticos não-barbitúricos são prejudiciais para o alcoólatra em qualquer outra ocasião. A pessoa que já tenha desenvolvido uma dependência do álcool não poderá — sem correr o risco de agravar essa dependência — experimentar qualquer droga que altera o humor (mudando a maneira de a pessoa sentir). Também corre o risco de criar uma segunda dependência. Existe a chamada "tolerância cruzada" entre estes produtos químicos; e, se o uso de um deles tiver levado a conseqüências danosas, o uso de qualquer outro corre grande risco de levar a resultados semelhantes. Isto significa, portanto, que, se uma pessoa tiver um problema com o álcool e estiver sendo tratada, o uso subsequente de soporíficos, tranqüilizantes, sedativos ou qualquer outra coisa que altere o humor (como maconha) envolve alto risco de (a) levar a pessoa de volta ao álcool, (b) tornar a pessoa dependente da outra droga também, ou (c) ambos. Assim, para ser bem-sucedido um tratamento, o alcoólatra posteriormente precisa evitar não somente o álcool mas também toda outra substância que altere o humor.



CHÁCARA REINDAL
Especializada em
alcooolismo

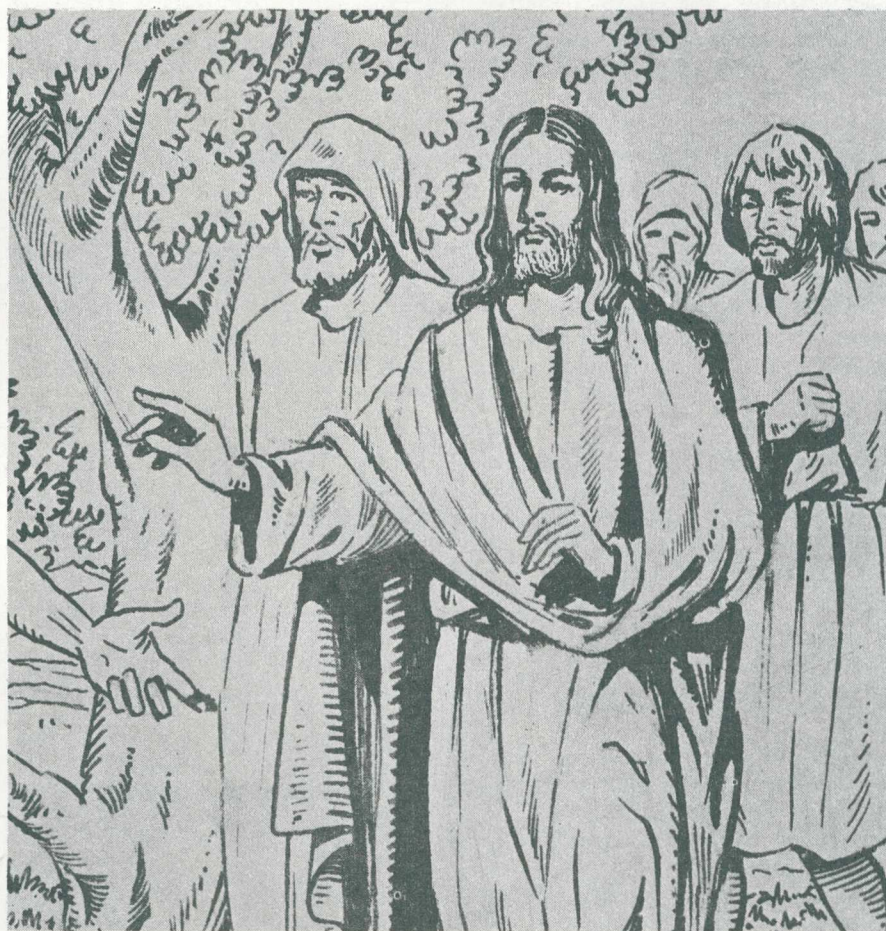
*Sua melhor chance de se
recuperar do alcooolismo e
iniciar uma vida nova,
produtiva e feliz.*

Cx. Postal 20.896
91498 São Paulo, SP
(Fone: (011) 520-9514)

Jesus caminha com eles

Lc 24,13-35

Alceu Luiz Orso



A passagem "JESUS E OS DISCÍPULOS DE EMAÚS" encontra o seu paralelismo, tanto no esquema literário como pelos temas abordados, no livro dos Atos dos Apóstolos, onde se narra a conversão do ministro da rainha da Etiópia (At 8, 26-40).

Ambas as narrações possuem partes correspondentes, que são fáceis de identificação:

a) encontro no caminho de regresso de Jerusalém e diálogo (Lc 24, 13-24; At 8, 26-31);

b) explicação das Escrituras (Lc 24, 25-27; At 8, 32-35);

c) evento sacramental (Lc 24, 28-31; Eucaristia; At 8, 36-38; batismo);
d) desaparecimento do interlocutor (Lc 24,31b;At 8.39).

As duas narrações (Lc e At) versam sobre o mesmo tema: a Paixão e morte de Jesus Cristo, como realização das Escrituras. A narrativa dos Atos dos Apóstolos tem seu ponto ápice no batismo; e a do evangelho de Lucas, na Eucaristia através do gesto de Jesus: "Estando sentado conjuntamente à mesa, ele tomou o pão, abençoou-o, partiu-o e serviu-lho" (Lc 24,30). Os gestos realizados aqui por Jesus são os mesmos da ceia eucarística (Lc

22,19); são os gestos constantes de Jesus (Lc 9,16; Mt 14,19) e de toda a Igreja apostólica (At 2,42.46) que emprega estes gestos para atualizar a presença do seu Mestre entre nós (At 20,7-9; 1Cor 10,16).

Ambas as narrativas nos dão um enfoque a Jesus: na dos Atos, Jesus é aceito como Servo de Deus sofredor através da explicação das Escrituras, texto tirado do profeta Isaías (Is 53); na do evangelho, Jesus é reconhecido no abençoar e partir o pão, no gesto eucarístico.

A reflexão volta-se somente para o texto do evangelho de Lucas. Os dois discípulos e a aldeia não são identificáveis. Eles são os representantes dos homens de todos os tempos e lugares, homens de fé ou sem fé. Eles esperam a salvação. E na sua caminhada conversam e discutem os últimos acontecimentos: a morte de Jesus e o encontro do sepulcro vazio (v. 14). Eles se mostram preocupados e tristes, pois as suas esperanças parecem estarem frustradas (Lc 24,17).

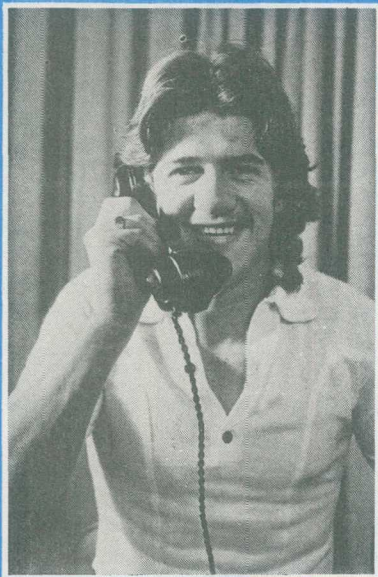
A pergunta de Jesus "De que estais falando pelo caminho, e por que estais tristes?" (Lc 24,17) mostra que sabem de tudo a respeito do acontecido com Jesus: sua vida (v. 19) e sua morte (v. 20), e ouviram falar do sepulcro vazio (vv. 22-24).

Os vv. 21-24 nos dão a impressão de um fracasso total ("Não o viram"). Dá-se isto porque lhes falta algo: compreender o sentido da pessoa e da missão de Jesus. E isto é coroado com o v. 19 que diz: "Era um profeta poderoso em obras e palavras, diante de Deus e de todo o povo".

Há um tema que ressalta logo de início: o da presença de Jesus. Estamos vivendo intensamente o tempo da Páscoa, e as leituras da liturgia nos falam de Jesus ressuscitado. Ele apareceu vivo e de muitas maneiras, entra por portas fechadas, dá uma bênção, mostra as mãos e os pés, os discípulos caem de joelho. Outras vezes aparece de uma maneira em que não é reconhecido. Maria Madalena não O reconheceu. Na praia Pedro, Tiago, João não O reconheceram, e este desconhecido mandou que lançassem as redes e só O reconheceram mais tarde. Os discípulos de Emaús pensavam que fosse um estranho que se tinha juntado a eles.

Os dois homens, que foram discípulos de Jesus, eram surdos e cegos.

SIM VOU SER... PADRE DE SION



Para me consagrar ao serviço do Reino de Deus, que é verdade, justiça, paz, amor, fraternidade e alegria.

Para tomar a defesa dos marginalizados, dos sem fé, sem amor, sem esperança, sem liberdade, sem justiça, sem comida, sem casa, sem escola, sem saúde, sem emprego, sem voz, sem vez, sem presente e sem futuro.

Para me dedicar à salvação do homem inteiro e de todos os homens, meus irmãos.

Você está pensando como esse jovem? Então, junte-se a nós porque ele já é um dos nossos.

PADRES DE SION INFORMAÇÕES

Secretariado Vocacional de Sion
Rua Lino Coutinho, 444
Fone: (011) 63-7489
04207 - São Paulo, SP

Cegos porque não reconheceram Jesus; era um estranho. Eram surdos porque a Jesus, ao explicar a partir das profecias do Antigo Testamento, também não reconheceram. Mas só o reconheceram a partir do pão.

Muitas vezes somos cegos e surdos. Deus anda conosco, Ele é nosso companheiro de caminhada, do nosso labutar no dia-a-dia. E nós não O reconhecemos. Por quê? Será que esperamos ver Jesus nas coisas grandiosas? Será que estamos procurando Jesus nos livros, nas paredes das igrejas?

Jesus vem ao nosso encontro através do próximo. Muitas vezes moramos na mesma casa, sob o mesmo teto, pertencemos à mesma família, à mesma comunidade religiosa e nos esquecemos de escutar o outro. Pai e mãe não se entendem, não se cumprimentam, pai não dá ouvidos ao filho que fala.

Cada vez que uma pessoa se apresenta é o mesmo Jesus que está chegando à nossa casa. Quando uma pessoa procura abrigo, carinho, aco-

lhida, é Jesus que quer ser acolhido e ouvido.

Jesus apareceu diversas vezes e sob as mais variadas maneiras, e a resposta foi quase sempre a mesma: Não O conhecemos. Diante disto é preciso tomarmos uma posição, abriremos os olhos da fé para que possamos ver, ouvir e reconhecer em cada ser humano a imagem de Cristo vivo.

É preciso caminharmos com Jesus e para isto se exige:

— a fé. Que nossa fé não seja só de palavras que se pronunciam sem nada assumir.

— uma vivência cristã. Uma vida que se pautar pela iluminação de Deus, para vivermos a realidade do amor.

— É preciso que tudo em nós se oriente para Cristo como único objetivo.

O homem precisa entregar-se a Jesus, ficar com ele para o que der e vier. Pedro fez esta experiência nas águas do lago: enquanto ele creu, caminhou com Jesus; quando teve medo, começou a afundar (Mt 14, 27-31).

Jerusalém: estrada que conduz ao Monte das Oliveiras, vindo de Betânia. (Foto ao lado.)

“À sua passagem muitas pessoas estendiam seus mantos no caminho. Quando já se ia aproximando a descida do monte das Oliveiras, toda a multidão dos discípulos, tomada de alegria, começou a louvar a Deus em altas vozes, por todas as maravilhas que tinham visto. E diziam: “Bendito o rei que vem em nome do Senhor! Paz no céu e glória no mais alto dos céus!”

(Lucas 19,36-38)



LIVROS RECEBIDOS



ALCOOLISMO NA FAMÍLIA — Antoninho Tatto — Editora O Recado — cassette — 50 minutos. O autor desta fita conta a sua vida. Filho de pai alcoólatra, sai de casa, fracassa mas reflete que é preciso enfrentar um desafio: o da sua conversão e... o faz. Ingressa para o grupo dos missionários leigos após ter passado pelos tratamentos de alcoólatras e começa a trabalhar pelo outro, a fazer conferências até novamente atingir sua família, principalmente o pai. Tudo com a ajuda da esposa e filhos.



IMPOSSÍVEL NÃO HÁ Elizabeth Ferreira — Edições Paulinas — 61 págs. Temos aqui os traços biográficos de Sarah Gayetti (Madre Maria de Jesus), fundadora da Congregação das Religiosas Missionárias de Nossa Senhora das Dores. Mulher dotada de tenacidade e profunda fé na missão recebida de Deus, luta e consegue atingir a meta a que se propôs. A leitura deste livro faz refletir sobre a generosidade e a capacidade de amar a toda a prova para lutar pelo Reino de Deus.



O POVO E A BÍBLIA — Pe. Paulo Tonucci — Edições Paulinas — 255 págs. O autor faz como que um resumo da História Sagrada, fiel a cada livro do Antigo Testamento. Abre pistas, esforça-se para colocar em termos simples ou situações bem atuais a experiência vivida pelo povo de Deus no concreto da vida. Mas a História Sagrada ainda não acabou, ela continua nos dias de hoje, na história das nossas comunidades. Somos nós que estamos construindo a História Sagrada de hoje, a História Sagrada do povo de Deus que continua a sua caminhada.



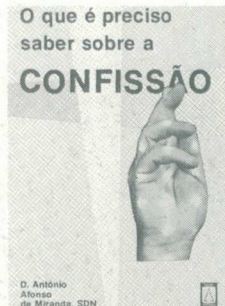
SEMENTE DE AMOR — Pe. Alfredo Schaffler — Edições Paulinas — 107 págs. Encontramos aqui uma série de crônicas baseadas nos fatos comuns da vida diária que nos levam a refletir cada vez mais sobre o valor e a necessidade do amor verdadeiro tanto para com Deus como para o próximo. Cada capítulo, à luz da fé, procura nos conduzir a uma esperança mais forte, a um amor mais leal e oblativo, a um compromisso mais sério com Deus e com o nosso semelhante.



CONFIA, FILHO... — Pe. Fernando Maria Alvarez de Miranda — Edições Loyola — 93 págs. A finalidade deste livro é incentivar em nós a confiança em nosso Pai, Deus. Por mais pecador ou mau filho que tenha sido ou seja, ninguém deve sentir-se excluído desta vida de confiança que envolve a tranquilidade, a alegria e a felicidade a quem a tiver perdido. Livro recomendado a todos mas especialmente para aquelas pessoas que por diferentes circunstâncias, estão afastadas de Deus.



O IRMÃO UNIVERSAL: CHARLES DE FOUCAULD — E. Santangelo — Edições Loyola — 75 págs. O próprio biógrafo tem como meta o seguinte: "Se a semente não cair por terra e não morrer, não dá fruto" (Jo 12,24). E assim foi; pois só após a morte de Charles de Foucauld é que René Voillaume recolhe a herança silenciosa e escondida do mártir e dá vida à Congregação dos "Pequenos Irmãos e das Pequenas Irmãs de Jesus". Durante a vida Charles de Foucauld não conseguiu ninguém que o seguisse no exemplo de sacrifício e apostolado que viveu.



O QUE É PRECISO SABER SOBRE A CONFISSÃO — Dom Antônio Afonso de Miranda, SDN — Editora Santuário — 31 págs. Continuando a apresentação da coleção escrita por Dom Antônio Miranda, temos aqui mais um livro de cunho eminentemente pastoral. Ele apresenta o valor do sacramento da confissão, sobretudo neste Ano Santo da Redenção. Ensina através de linguagem simples e clara como confessar-se bem. No penúltimo capítulo faz citações de respostas dadas pelo Papa sobre o Sacramento da Penitência.



O EVANGELHO, FORÇA DOS POBRES — Ginetta Calliari — Editora Cidade Nova — 155 págs. A autora focolarina conta a sua experiência de chegada e vivência aqui no Brasil e conclui dizendo: onde dois ou mais estiverem reunidos no nome de Cristo dão lugar a Ele, é Ele em nosso meio que ilumina toda situação pessoal, ou coletiva, levando cada um a enfrentar e resolver os problemas das diferenças sociais. Livro que nos faz refletir e que deve levar-nos para a vivência de caridade.



A MESA DA PALAVRA: ANO A — Comentarário bíblico-litúrgico — Coordenador: Leonardo Boff — Editora Vozes — E72 págs. Este compêndio contém subsídios para a pregação e a liturgia no ciclo do ano A. O projeto da obra inclui dois tipos de subsídios: a) pistas exegéticas dos textos bíblicos litúrgicos; b) sugestões para a homília. A Mesa da Palavra pretende prestar um ótimo auxílio aos sacerdotes em sua missão de pregar a palavra de Deus nas celebrações eucarísticas. Contém um bom índice dos textos bíblicos comentados. Contribuirá para esta obra mais de 30 estudiosos entre exegetas, teólogos, sacerdotes e leigos.

Assinale os livros desejados e remeta este cupom para
LIVRARIA "AVE MARIA"
 CX. POSTAL 54.215
 01227 — SÃO PAULO Tels.: 66-0582 - 825-0700

- | | | |
|--------------------------|--|----------|
| <input type="checkbox"/> | ALCOOLISMO NA FAMÍLIA (cassette) | 2.400,00 |
| <input type="checkbox"/> | IMPOSSÍVEL NÃO HÁ | 500,00 |
| <input type="checkbox"/> | O POVO E A BÍBLIA | 2.800,00 |
| <input type="checkbox"/> | SEMENTE DE AMOR | 950,00 |
| <input type="checkbox"/> | CONFIA, FILHO | 1.230,00 |
| <input type="checkbox"/> | O IRMÃO UNIVERSAL: CHARLES DE FOUCAULD | 470,00 |
| <input type="checkbox"/> | O QUE É PRECISO SABER SOBRE CONFISSÃO | 250,00 |
| <input type="checkbox"/> | O EVANGELHO, FORÇA DOS POBRES | 2.200,00 |
| <input type="checkbox"/> | A MESA DA PALAVRA | 9.000,00 |

Nome _____
 Rua _____ N° _____
 Cidade _____ Estado _____
 CEP _____

Obs.: Atendemos por Reembolso Postal. Pedidos de valor inferior a Cr\$ 100,00 deverão vir acompanhados do respectivo pagamento, por Vale Postal ou selos novos do Correio.
P.S.: Estes preços de livros estão sujeitos a reajustes sem prévio aviso.